

Pensando (juntos) el futuro

Curso

Al día con los libros para niños y jóvenes,
panorama de la LIJ latinoamericana,
mirada histórica, tendencias y desafíos

Abril - septiembre 2016

Pensando juntos el futuro es el resultado de la actividad propuesta como cierre del curso. Cada participante aportó un caso, una reflexión que ayudase a pensar los desafíos del libro para niños y jóvenes en Iberoamérica desde ópticas distintas, integrando el contenido visto a lo largo del curso ([ver programa](#)).

Este rico y amplio panel es una selección de las aportaciones consideradas más representativas por la coordinación académica.

No meio do caminho... 2

Impressões de um tempo presente, em sua máxima potência, devir! 3

Realidades que cercam Crianças e Jovens 4

Ler ou ler, eis a questão! 6

Mediadores presentes, futuros leitores! 8

Un camino posible... 9

Encontrar el delicado equilibrio entre aquello que proponemos y aquello que dejamos que el lector seleccione 12

La lectura no lo tiene nada fácil, tal y como la entendemos hasta hoy 16

Pensando en voz alta 18

Bibliotecas Comunitarias, algunas reflexiones 20

El futuro reside atrás 22

Panorama del libro (de/para) niños y jóvenes 24

Desafíos del futuro en experiencias actuales 26

Aporte final 28

No meio do caminho...

No meio do caminho de uma nação de leitores há várias pedras. Talvez, haja até mesmo um muro no meio do caminho, construído com tijolinhos de impaciência: este é o tempo dos recados com palavras a conta-gotas (e qualquer coisa que ultrapasse 140 caracteres é considerada “textão”), da arte instantânea (daí consumirmos preferencialmente as resenhas, porque não dispomos mais de dias para apreciação de leitura), dos sucessos por temporada (o mercado cria o que se deve ler em 2015 e já em 2016 o catálogo estará tão “fora de moda” quanto uma roupa de verão no inverno).

Quando se transpõe o muro, o que vemos são as “retinas tão fatigadas” dos companheiros de viagem: editores, crítica (profissional e não profissional), promotores de leitura e todos os elos da cadeia de produção, circulação e incorporação de livros na identidade nacional que sofrem neste terreno árido.

No caminho pedregoso, é tropeço comum relacionar o livro como um produto escolar, mantido sob guarda das escolas e consumido como material didático no campo das obrigações, reduzindo seu potencial de fruição, suas hipóteses de ruptura e inovação, já que se confina em uma instituição com propósitos cada vez mais encapsulados em grades curriculares, prazos, expectativas aferíveis em notas.

Outra topada frequente é descuidar da bibliodiversidade, fomentar leitura a partir da régua do “mais vendido” ou do “autor consagrado”, sem permitir contribuições de escritores locais e de temas variados —o movimento da autopublicação tenta aí abrir frestas e oferecer novas abordagens, mas se ressentem com o preconceito da crítica, com os altos custos para tiragens e as dificuldades de distribuição. Esbarra-se também nas cada vez piores condições de saúde das livrarias, que precisam se reinventar e resgatar a presença, diante da concorrência das *megastores* virtuais. Cambaleia-se na proliferação de títulos momentâneos, sucessos de público, mas sem estofo para tornarem-se algo a ler nos próximos cinco anos (ou cinco meses; tempos velozes).

Neste caminho, em que dezenas se unem para caçar *pokemons* com seus celulares, parece mesmo que a pior queda foi acreditar na leitura como prazer meramente solitário e deixar de percebê-la como elemento de aproximação, reforçando as comunidades leitoras, os clubes, *fandoms*. Nesse aspecto, redes sociais e blogs literários —não importa o que digam os teóricos— prestam um serviço à cultura livresca, tornando o livro mais visto e mais falado, inserindo-o na mesma “*timeline*” em que despontam gastronomia, viagens, fotografias em p&b, “*looks* do dia”.

É verdade que na tentativa de evitar a pedra, pode-se cair num buraco: a exposição do “livro pelo livro”, livro como “objeto pop”, livro como decoração, a ser

colecionado, podendo ou não ser lido. Há o livro, mas não há o leitor. Compra-se o livro para a criança, mas não se compartilha a leitura. Armadilha.

Outro atropelo: para divulgação, mediadores (sejam eles professores, contadores de histórias, blogueiros) dependem de acesso ao livro. São diversos os circuitos percorridos para conhecer o que se publica no país: a aquisição por esforço individual (limitada ao que se tem à mão e quanto se tem à mão); parcerias com editoras que se assemelham a concorridos concursos públicos, em que alguns poucos canais de divulgação são escolhidos para receber exemplares de cortesia; bibliotecas, considerando que, sobretudo as mais distantes das grandes capitais, contam com acervo reduzido e são frequentadas apenas episodicamente; feiras literárias que descartam ousadia, apresentando poucas variações tanto em preço quanto em seleção de títulos; apoiar-se em cânones já testados, com garantia conveniente que traz consigo a consequência de ser a solução fácil para uma questão complexa.

Com pedras no meio do camino, mesmo assim se faz poesia, não há de se perder a esperança —e mais do que ela, a militância— de construir uma nação mais rica, com mais leitura, com mais repertório e conhecimento. Acredito que para vencer a caminhada, é preciso reconhecer o relevo em que nos embrenhamos, as dificuldades, os pontos mais sensíveis, e é, principalmente, preciso prepararmo-nos para enfrentá-lo: entender a linguagem moderna, mais dinâmica, mais coesa, mais divertida, fomentar as redes de leitores e não julgar menores os papéis dos “críticos leigos”, sem formação técnica, mas ancorados muitas vezes em relações intensas com a leitura, adotar novas plataformas para divulgar os livros, recuperar proximidade entre livraria e leitor, com curadorias que redesenhem as prateleiras, e assumir, publicamente, o compromisso com a literatura, de ficção ou informativa, como direito de cidadania.

Anna Cruz De Araujo Pereira Da Silva

Impressões de um tempo presente, em sua máxima potência, devir!

Fiquei imaginando por onde começar, de modo a unir a teoria abordada no curso e minha prática cotidiana: leitores, leituras, cânones, literatura infantil, literatura como interesse de formação ou “deformação”, livro álbum, mídias, leitura para a primeira infância.

Assim, decidi partilhar minhas impressões sobre um trabalho que venho realizando desde 2015 com alunos na faixa etária de 9/10 anos. O projeto de leitura que tenho apresentado à escola, pais e alunos envolve livros em papel, impressos, tal qual a tradição nos apresenta. Embora a discussão acerca da literatura infantil digital, pude observar em minha turma a necessidade de compreender o papel e o lugar do livro impresso tão naturalizado e instituído.

O projeto implica na adoção de dois títulos para leitura em sala de aula. Estes títulos, de acordo com minhas orientações, podem ser emprestados, comprados, retirados de bibliotecas; cabendo a cada família decidir a melhor maneira de fazê-lo. Após dois anos de trabalho, com turmas diferentes, uma pergunta muito interessante se repete:

Mas professora, se comprarmos o livro o que faremos com ele após a leitura?

Um menininho de cabelos arrepiados, ótimo aluno, de grafia inigualável, caderno organizadíssimo, levanta esta questão importantíssima e, confesso, desestabilizadora. Para mim tudo estava claro: livro, tesouro maior! Sempre quis ter livros na minha infância, mas eles eram caros, raros, inacessíveis. Desde sempre entendi que ter um livro era ter um bem maior que deveria ser guardado. Mas o que para mim era óbvio, não o era e não é para meus alunos da escola pública.

Respondi da melhor maneira que pude, mas ainda me inquieta, pois compreendo que ela abrange outras dimensões: familiar, social, educacional sobre o papel do livro na sociedade. Papel que parece ter sentido apenas no momento da leitura, mas que depois se perde, torna-se sem utilidade, sem função. Tenho pensado muito sobre isso, o que me fez compreender porque alguns projetos do Ministério da Educação não deram certo.

Em meados de 2005, o MEC lançou o projeto *Literatura na minha casa*. O fato é que cada criança da escola pública recebia uma pequena coleção composta por seis títulos para levar. As coleções mal foram entregues e já havia muitas sendo vendidas em feiras de usados e sebos.

Confesso que, a partir da pergunta de meu aluno, me dei conta porque muitas destas coleções foram vendidas, contribuindo para o abismo cultural, tal como argumenta Emília Gallego: «O peso específico que a cultura tem hoje na balança de pagamentos, superando muitas vezes o valor das importações e exportações de matérias primas, tem contribuído para aprofundar ainda mais o abismo entre os proprietários da riqueza e os despossuídos».

Afinal os livros são caros para famílias de baixa renda, sua função social não é explícita àqueles que tem tão pouco, porque no frígido dos ovos como afirma Yolanda Reyes:

«Há um imaginário de leitor que circula mais do que nos atrevemos a admitir e que poderia ser formulado nestes termos: o leitor e, a menos que seja um professor ou estudante, é obrigado a ler —exclusivamente— durante o tempo que durem seus estudos, ou é alguém a quem sobra tempo ou dinheiro, ou as duas coisas. Seria também um desocupado ou um aposentado, uma milionária, um padre, uma escritora ou um ermitão? Esses estereótipos ilustram uma separação entre a leitura e o que chamamos de “atividades produtivas”, arraigada desde os tempos do colégio ou, quem sabe, desde antes de nascermos.

A velha separação configurou também algumas fronteiras invisíveis que separam —mais que as fronteiras físicas de nossas cidades— aqueles que têm capital simbólico daqueles que não o possuem. Contudo, o mundo da aprendizagem, das profissões e das invenções humanas se sustenta, em grande parte, pela capacidade de operar com símbolos, uma segunda pele quando se recebe e tão difícil suprir quando negada».

Tento enfrentar estas questões e percebo que muitos livros circulam na sala de aula, mas quantos outros títulos importantes não aparecem?

Os livros expostos na Sala de Leitura sempre são curtos, pois ler mais que cem páginas é um desafio que, todavia, vem sendo vencido.

Nesse ponto entro um pouco na discussão do cânone. Afinal, o que é bom para mim, é bom para você? Como definir um cânone? O que considerar?

Dois livros por semestre abrem a discussão sobre gostos e perfis leitores. Nos últimos dois anos trabalhei com *Pippi Meia Longa* (de Astrid Lindgren) e *As Bruxas* (de Roald Dahl). Este projeto busca incentivar a leitura compartilhada e se realizar em diferentes espaços da escola: como a quadra, a escadaria da escola, a sala de vídeo e o pátio. O importante é que todos possam ter contato com o texto. Sem precisar pedir silêncio e atenção, é possível perceber quanto o comportamento leitor

esta consolidado, pois o silêncio é instituído pela leitura, com o gostinho de conta mais, e o uso de frases tão motivadoras quanto:

*Professora, vamos ler só mais um capítulo!
Vai, deixa!*

A turma de 2015 era uma turma muito participativa, criativa, cheia de ideias que se sentia livre para enfrentar os desafios propostos. As leituras não foram diferentes, mas eles simplesmente se entregaram, riram com as travessuras dos personagens e curtiram toda a fantasia que as palavras propiciaram. Ambos os livros foram aproveitados com muito prazer, ao extremo.

Já a turma de 2016 mostrou a princípio um entusiasmo com *Pippi*. Mas a leitura foi se tornando obrigatória para o grupo, pois não acreditavam nas possibilidades que *Pippi* lhes apresentava. Chamavam-na de maluca!

Neste semestre estamos lendo *As bruxas*. O interesse mudou. A cada capítulo busco ler um trecho, colocando toda a entonação possível no suspense, a ponto de uma das alunas dizerr:

*Pro, não lê assim, to começando a acreditar
e ficar com medo.*

Em apenas duas semanas já lemos cinco capítulos e cada vez eles querem mais.

Outro aspecto é justamente como meu envolvimento com a leitura é observado pelos alunos. Percebo como eles sentem o meu prazer, a minha curiosidade e gosto pelo que estamos fazendo juntos —ler, simplesmente e tão somente. E o quanto a minha marca, deixa impressões positivas e fecundas.

Pautada por estas vivências, percebo o quanto devo insistir neste projeto que tem dado oportunidade às crianças. E não somente no que se refere à procedimentos e objetivos leitores, mas, sobretudo à outras compreensões que movimentam o universo cultural, fantástico de cada um.

Pensar o futuro é pensar no investimento da leitura na escola. Um investimento que não usa a leitura como pretexto, nem tampouco como escolarização, modelo, punição, mas que valoriza a leitura tal como ela é: leve, solta, enriquecedora.

Agora trata-se de demonstrar tudo isso aos pais, de modo que o que foi iniciado não se perca e que pais e filhos possam usufruir do prazer de ler.

Referenciais

- Alfonso, Emília Gallego. "Nenhum lugar é longe - Políticas culturais e o livro infantil e juvenil", in *Revista Emília*, outubro 2011.
- Prades, Dolores. "O livro infantil digital", in *Revista Emília*, dezembro 2011.
- Reyes, Yolanda. "Leitura e capital simbólico - Casas imaginárias", in *Revista Emília*, novembro 2013.

Giane Aparecida Sales Da Silva Mota

Realidades que cercam Crianças e Jovens

Os livros de nossa infância, com suas páginas resplandecentes de luzes e sombras, decidiram, quiçá, acima de qualquer outra coisa, a natureza de nossos sonhos.

André Breton, *Point de Jour*

Ao refletir sobre a literatura Infantil e Infanto-Juvenil, penso também no mundo midiático, interativo e tecnológico dessa geração de leitores.

Antigamente, as cidades eram pouco estruturadas, simples, havia poucos canais de televisão, bibliotecas, jornais, poucas revistas interessantes... Hoje, a juventude tem acesso a mais de duzentos canais de tevê a cabo, milhares de revistas, estações de rádio e bilhões de páginas na internet e aparelhos eletrônicos (computadores, telefones, DVDs, blu-ray, impressoras, TVs, tablet) sendo inovados constantemente para atender as suas necessidades. Além disso, o crescente número de livros que são publicados anualmente.

O fato de terem crescido em um ambiente digital causou um impacto profundo no seu modo de pensar e agir. Aprenderam a acessar, selecionar, categorizar e a lembrar das muitas informações que chegam até ela. Hoje, eles estão diante de desafios significativos —como lidar com uma quantidade vasta de informações e garantir o equilíbrio entre o mundo digital e o mundo físico.

Todos os envolvidos no processo (editores, críticos e mediadores) de incentivo e promoção da leitura precisam conhecer as características de um leitor já nascido na era digital, que têm um comportamento diferente da geração que acompanhou todo o processo de transição para a globalização. As crianças e jovens de hoje absorvem a maior parte das informações na internet. Estão sempre conectados para os mais diversos fins: comunicação, informação, entretenimento... Eles não lêem jornais impressos por serem textos longos e teóricos, preferem a leitura interativa, resumida e dinâmica.

O livro digital é um modo de leitura tão importante quanto o livro impresso. Pode-se dizer que ambos possuem seus grupos de leitores. E num futuro próximo ainda sim o livro impresso permanecerá cativando leitores que fazem anotações em seus interiores e que encontram encantamento no folhear das páginas e no seu formato.

O mercado do livro é crescente em números extraordinários, o que dificulta bastante na hora de selecionar uma leitura ou encontrar uma obra de qualidade invisível pela enorme oferta dos lançamentos.

Podemos observar uma influência notável de youtubers e ou blogueiros sobre as escolhas literárias de crianças e jovens. Ao conversar com eles sobre esta aproximação, chega-se a conclusão que tamanha identificação se dá porque eles falam a mesma linguagem, conhecem os seus anseios e desejos, são dinâmicos e apresentam nos canais e blogs conteúdos diversos e relevantes (segundo as crianças, adolescentes e jovens). <https://youtu.be/gBEXvxRa5VI>

Sabemos que os clássicos / cânones literários são importantes por tratarem da cultura de um período e por serem obras com enredos construtivos e formadores que encantaram e encantam várias gerações de leitores. Como diz Maria Tereza Andrueto: «Um cânone é uma leitura do presente rumo ao passado».

Mas é preciso saber relacionar o momento certo destas obras canonizadas de acordo com o estágio de leitura das crianças e jovens, para que haja uma melhor compreensão e aproveitamento da história.

Estando o leitor na fase iniciante e em processo, se faz necessário o ofício de saber selecionar livros de boa construção textual e gráfica; para que os leitores em formação possam fazer suas escolhas particulares, seguros, de modo a atender, satisfazer e incentivá-los para o ato da leitura.

A definição enfática da Fabíola Farias, especialista em bibliotecas públicas, mostra a importância destes espaços para continuidade democrática da leitura; e como formadores de leitores literários ou pesquisadores:

«As bibliotecas, não somente as públicas, têm como característica comum a guarda, a organização e a disponibilização do conhecimento registrado pela letra. Assim, dito de maneira bastante resumida, elas oferecem às pessoas a história, a literatura, a filosofia, a matemática, a física, o esoterismo, a religião, enfim, todas as formas de narrativa e de pensamento que em algum lugar e no tempo passado foram registradas por alguém pela escrita. O acesso autônomo a esse conhecimento guardado pela letra é restrito a quem sabe ler. As pessoas que não sabem ler podem acessar os que guardam os livros, mas dependem de um terceiro que decifre e muitas vezes interprete o que diz o código da letra. Para a formação de um leitor, feita na maioria das vezes pela escola, é preciso mais que a aprendizagem do código, da decodificação e até mesmo da construção de sentido do texto. É necessária a compreensão do que se faz quando se lê e, ainda, do que significa não ler». (Fabíola Farias, 2016)

Todo o processo de análise e seleção de livros por profissionais éticos e preocupados em formar leitores críticos é muito importante, principalmente, quando estes não têm influências e compensações comerciais. Essa responsabilidade favorece os leitores que são totalmente dependentes da ajuda de um adulto para o seu

desenvolvimento físico, psicológico e cultural, como os bebês e as crianças. E também para facilitar a seleção ou escolha de uma boa leitura por pessoas que redescobriram o prazer modificador de ser leitor, ou apenas aqueles em busca de dicas literárias.

Referências

- Andruetto, Maria Teresa. *Por uma literatura sem adjetivos*. São Paulo: Pulo do Gato, 2012.
- Farias, Fabiola. *A biblioteca pública e seu projeto político*. <http://www.revistaemilia.com.br>
- Parreira, Ninfa. *Do ventre ao colo, do som à literatura – livro para bebês e crianças*. Belo Horizonte: RHJ, 2012.
- Parreira, Ninfa. *Confusão de Línguas na Literatura: O que o Adulto Escreve a Criança Lê*. Belo Horizonte: RHJ, 2009.
- Ramos, Graça. *A Imagem Nos Livros Infantis*. Belo Horizonte, MG: Autêntica Editora, 2011.
- *Revista Emilia: Em dia com os livros para crianças e jovens*. <http://www.revistaemilia.com.br/>. Laboratório Emilia de Formação, 2016.
- Tapscott, Don. *A hora da geração digital*. Rio de Janeiro: Agir, 2010
- Wilhelm, Judith. *Dilemas e desafios. O mercado do livro infantil e juvenil*. <http://www.revistaemilia.com.br>

Joana Paula Feitoza

Ler ou ler, eis a questão!

Realizando a fantasia

Talvez seja esse um bom nome para um projeto, principalmente quando se é professora das séries iniciais do Ensino Fundamental da rede de ensino que atende pessoas de baixa renda. Para um professor, pensar em projetos é quase uma constante, mas os projetos têm prazo para terminar e acredito que esteja nesse "detalhe" a diferença de escolher hoje numa experiência para pensar o futuro... porque a ideia é que ela alcance o futuro a cada futuro.

Acredito, também, que, ao se pensar em leitura —seja ela a partir do livro impresso, do livro digital, dos celulares, informativa ou para deleite— a escola é um excelente campo para fazê-la parte do cotidiano das pessoas. Não porque a escola é institucionalmente uma das responsáveis pela disseminação da cultura letrada, mas porque nela é possível alcançar um número maior de pessoas ao mesmo tempo. Diante dessa constatação, apresentarei aqui um projeto realizado com minha turma de 4º ano do Ensino Fundamental que teve uma boa repercussão, sobretudo com os alunos e seus responsáveis. Os alunos se perceberam leitores e escritores e os seus responsáveis perceberam a capacidade que cada um tem e que a leitura pode alcançar.

O projeto recebeu o seguinte título: *Lendo, pesquisando, ouvindo histórias e produzindo textos*. E assim se desenvolveu:

Apresentando a sequência

Antes de apresentar propriamente a sequência didática realizada, cabe aqui algumas informações preliminares: a escolha do gênero textual se deu pela preferência dos alunos, que sempre solicitavam a leitura de contos de assombração (lendas urbanas) nos momentos de leitura deleite, realizada diariamente pela professora, no início de suas aulas.

O gênero escolhido também possibilitou o trabalho de resgate da cultura popular recifense, uma vez que despertou nos alunos a curiosidade pela mudança de comportamento das pessoas entre a época em que as histórias foram contadas/criadas e a atual, como as pessoas viviam, o que faziam, como se divertiam.

A sequência didática foi desenvolvida em seis momentos e resultou em um livro confeccionado de forma artesanal, com os textos produzidos pelos alunos. Além disso, foi decidido que a culminância se daria com o lançamento do livro para a comunidade escolar, colaboradores e familiares, no Dia do Folclore (22 de agosto). Fato que possibilitou também o trabalho com o gênero textual convite,

uma vez que, para esse lançamento, os alunos produziram um convite, que foi entregue aos agentes da escola, aos seus familiares e às pessoas que colaboraram com a produção do livro.

Durante o tempo em que a sequência didática foi realizada, fizemos a leitura de três livros que serviram de referência para a produção dos textos dos alunos:

- *Estranhos mistérios d'O Recife assombrado*, do jornalista Roberto Beltrão.
- *Sete histórias para sacudir o esqueleto*, da escritora Angela Lago.
- *Turma da Mônica: Lendas Brasileiras*, do escritor Maurício de Sousa. Este último despertou nos alunos o interesse em recontar as lendas urbanas com os personagens da *Turma da Mônica*.

Todos eles são livros que trazem uma coletânea de contos. Os textos desses livros foram lidos, um a cada dia, no momento da leitura deleite, no início das aulas.

Através da leitura dos livros citados, a professora chamou a atenção dos alunos para as características do gênero em questão, que elementos aparecem, que estrutura pode ser utilizada para melhor atender a essas características (componentes, natureza narrativa, recursos linguísticos), a circulação social, sua função.

As estratégias de leitura, tão discutidas por Solé (1998), não foram esquecidas. Durante a leitura, a professora lançou mão de algumas delas, sobretudo as consideradas fundamentais (ativação dos conhecimentos prévios, inferência, previsão/hipótese e resumo) para que a compreensão do texto acontecesse. Dessa forma, os alunos também foram aprendendo a utilizá-las em suas leituras. Segundo a autora citada, para desenvolver uma leitura proficiente, os alunos devem lançar mão das estratégias de leitura que se configuram como ferramentas para esse fim. Fazendo uso dessas estratégias, os alunos podem compreender e interpretar, de forma autônoma, os textos que leem.

Fornecidas as informações necessárias, segue a apresentação da sequência.

Apresentando da situação

Para introduzir a sequência, no primeiro momento, a professora informou aos alunos que o trabalho a ser realizado tinha como objetivo o reconto de lendas urbanas e explicou como se daria a sequência. Depois de informar o objetivo da sequência, a professora resgatou os conhecimentos prévios dos alunos acerca das lendas urbanas. A partir do relato dos alunos, foi criada uma lista (outro gênero trabalhado durante a sequência) com os títulos/personagens mais citados. Foi solicitado aos alunos que, em duplas, pesquisassem, na internet, sobre as lendas listadas e escolhessem uma para ser lida em sala de aula.

Primeira produção: reconto das lendas urbanas

No segundo momento, as duplas foram solicitadas a retirar das lendas escolhidas algumas informações: em que bairro se passava a história, quando o episódio aconteceu, quais eram os personagens da lenda. Em seguida, os alunos recontaram oralmente a lenda. Depois do reconto oral, foram solicitados a registrá-lo.

Segunda produção: reescrita dos recontos

O terceiro momento foi reservado para a escolha, de acordo com as lendas escolhidas, dos personagens da *Turma da Mônica* que seriam utilizados. Escolhas feitas, os alunos, ainda em duplas, inseriram esses personagens em seus recontos. Nesse momento, os alunos manifestaram o desejo de escrever um livro com os seus recontos, que foi prontamente incentivado pela professora. Foi então que cada aluno decidiu escrever seu próprio reconto e o trabalho passou a ser individual. Apenas duas duplas permaneceram trabalhando juntas. Novos recontos foram produzidos.

Todas as produções foram lidas pela professora que, ao lê-las com os autores, sugeriu algumas mudanças. Os recontos foram reescritos duas vezes para que as correções relacionadas à estrutura textual fossem realizadas. Em nenhum momento houve queixas por parte dos alunos por terem que reescrever seus textos.

Digitação dos recontos: uso da tecnologia

No quarto momento, os alunos foram levados para o laboratório de informática da escola para digitarem seus textos e pesquisarem imagens para ilustrá-los. Esse momento possibilitou o trabalho com a ortografia. Sempre que o editor de texto utilizado detectava a escrita não convencional das palavras, os alunos buscavam trocá-la pela convencional, utilizando, para tanto, os dicionários disponíveis na internet. Aqui também foi trabalhada a estrutura do texto, paragrafação, pontuação, uso de conectivos etc. Os textos foram salvos e posteriormente impressos para compor o livro.

Apresentação dos componentes de um livro

O quinto momento foi reservado para apresentar aos alunos os componentes de um livro: capa, contracapa, ficha catalográfica, sumário/índice, apresentação, autor(es), ilustrador(es), organizador(es). Foi este o momento em que os alunos convidaram a professora a ilustrar seu livro e onde foi decidido o formato do mesmo. Os alunos cogitaram a possibilidade de enviar ao Maurício de Sousa (o autor e ilustrador de um dos livros lidos durante a sequência) um exemplar "autografado" do livro produzido. Esse interesse proporcionou o trabalho com o gênero textual carta, já que o exemplar do livro seria enviado ao escritor

acompanhado de uma carta que explicaria todo o processo de sua construção. O livro foi enviado e eles receberam uma carta do autor agradecendo o exemplar recebido, um autógrafo para a turma e fotos mostrando que o livro realmente foi recebido por ele. Esse fato fez com que os alunos se sentissem bastante valorizados e orgulhosos daquilo que têm capacidade de produzir através da leitura.

Produto final: conhecendo o livro produzido

O último momento da sequência foi reservado para a leitura do livro já finalizado e a organização do dia do seu lançamento. Nesse momento os alunos foram levados a pensar na dinâmica do evento: onde se daria, quem seria convidado, quem seria homenageado, quanto tempo duraria, que atividades seriam desenvolvidas, quem estaria responsável pela condução de cada atividade, que materiais seriam utilizados, dentre outras coisas.

Embora tenha sido uma atividade para produzir textos, e escolarizada, ela partiu do interesse pela leitura dos alunos. O hábito de fazer uma leitura deleite no início de cada aula fez com que meus alunos sempre estivessem visitando a biblioteca da escola em busca de determinados títulos, temas e quisessem ler cada vez mais. Além disso, eles passaram a olhar o livro com um olhar mais crítico, eles conseguem tecer comentários acerca dos títulos lidos que vão além do "gostei da história" e, mesmo tendo essa capacidade, eles ainda dizem isso sobre os livros: *Professora, gostei da história!* A leitura passou a ser muito mais deleite depois desse projeto.

Com esse depoimento quero reforçar a importância da escola, dos professores e mediadores de leitura nesse futuro leitor para os leitores de hoje e sempre. Saber escolher um bom livro, apresentar os clássicos, as novas maneiras de ler e interagir com os livros e as leituras também são responsabilidades (e que responsabilidades maravilhosas!!) da escola, dos professores e mediadores de leitura.

Aliado a isso, estão os Projetos de Leitura do Governo Federal (e aqui só tenho conhecimento para falar da realidade brasileira e, em especial, pernambucana), o engajamento dos pais e responsáveis. Talvez, num país onde sonhar nem sempre é possível, sobretudo para uma camada significativa da população, seja este um processo difícil, longo e, quem sabe, exaustivo... mas se pensarmos nos rostinhos sorridentes, nos olhinhos interessados, curiosos, apaixonados que vemos em nossos alunos sempre que lemos um livro, vamos ver que sempre valerá a pena pensar no futuro com muitos livros e leituras.

Cristiana Vasconcelos Do Amaral E Silva

Mediadores presentes, futuros leitores!

Voltei recentemente da Zona Rural da Amazônia Brasileira, retomei alguns textos já lidos das disciplinas anteriores, outros comentários feitos no fórum e vou me inspirar especialmente nos textos e entrevistas de Daniel Innerarity e Roberto Igarza para descrever minha última contribuição para este curso.

Enquanto relia as postagens nos fóruns, retomava a importância do papel da literatura na formação do indivíduo, a natureza política da formação de leitores e a relação de poder que se estabelece entre um leitor e um não leitor. Também retomei a discussão acerca do papel do mediador de leitura para que o indivíduo seja apresentado ao universo literário, da mesma maneira que lhe são apresentadas ao longo da vida, com mais leveza, outras manifestações culturais, como a música, o teatro, o cinema...

Antes de falar do futuro, é bom lembrar sobre como os mercados editoriais, podem ter grande influência sobre o que será lido e o quanto nós, enquanto mediadores, temos que ter abertura para um conhecimento de mundo que amplie o nosso olhar a respeito da diversidade, para que assim, possamos oferecer cada vez mais o que a literatura tem de mais rico: a história de todos os povos.

Levando em consideração os 10 anos que atuo enquanto mediadora de leitura literária, posso afirmar que, os mediadores de leitura, de fato foram essenciais para que a maioria das crianças, jovens, adultos e idosos que conheci, ainda sem uma relação íntima com os livros de literatura, se aproximassem destes de forma menos resistente. Existe um poeta da periferia de São Paulo chamado Sérgio Vaz, que diz: *Todo mundo gosta de história/poesia, só não sabe que gosta!* e eu poderia me debruçar aqui para dizer a importância da literatura para nossa formação, mas já discutimos este tema em outros fóruns, por isso, vou continuar tecendo as palavras para pensar no futuro.

Ora, há 10 anos, eu vi os livros de literatura passarem a fazer parte da vida de pessoas que tinham pouca ou nenhuma relação com os livros. Hoje, estes leitores, que já conseguiram identificar o papel das histórias em suas vidas, leem, de acordo com o repertório literário de sua preferência, da maneira que acham mais conveniente para o momento, seja no livro físico ou nas mídias digitais.

Uma vez, num encontro com alguns povos indígenas, ouvi um indígena dizer: *A biblioteca do nosso povo, são nossos anciões, mas cada ancião que morre, é uma biblioteca que fecha, precisamos registrar nossas histórias.* Gosto de lembrar dessa fala para também pensar sobre o conceito de biblioteca e como de fato ela é uma instituição viva que pode mudar de acordo com o tempo.

Também precisamos repensar no futuro das nossas bibliotecas, como aborda Daniel Innerarity, pensar no excesso de informações, no espaço físico, na fragilidade dos livros físicos... para o futuro, é algo importante de se pensar, afinal a tecnologia deve servir para favorecer e qualificar o nosso acesso às informações. Compartilho também da fala de Roberto Igarza quando diz em um dos seus vídeos «Não há necessidade de evitar qualquer janela possível para dar visibilidade ao livro. Especialmente para relacionar-se a leitores que insisto, não vão se declarar como leitores e não cabem na categoria de não leitor».

Entendo a cultura digital como abordado por Roberto Igarza: uma oportunidade para dar nova vida ao livro e uma nova relação entre o livro e o leitor. Então, definitivamente, o que precisamos trabalhar para o futuro é na formação de novos mediadores. Sejam mediadores de livros físicos ou de leitura digital, afinal, não é ter acesso à tecnologia que fará com que o leitor tenha vontade de ler um livro digital, da mesma maneira que ter acesso a uma biblioteca tradicional não necessariamente fará com que o indivíduo se aproxime dos livros físicos.

Eu vejo um futuro que enfatize cada vez mais a importância dos mediadores de leitura, daí, não importa onde o leitor vai ler, uma vez tendo bebido da fonte, ele escolhe como quer ler, de acordo com sua realidade.

Iniciei este texto falando que voltei recentemente da Amazônia, estava no interior do Pará, e incentivada às discussões realizadas neste curso, perguntei para um voluntário que coordena uma biblioteca comunitária na zona rural: *Você acha que a tecnologia pode atrapalhar ou fazer com que as crianças/moradores da comunidade se desinteressem pelos livros físicos?* Ele respondeu:

Eu acredito que a forma como vemos a tecnologia é muito relativa. Tecnologia é algo que inova, que muda e que facilita a vida das pessoas. Em comunidades rurais, onde o acesso à internet, por exemplo, é difícil, as pessoas buscam informações em outros meios. Rádio, televisão e livros são, para essas pessoas, um meio tecnológico, pois facilita suas vidas e inovam as suas formas de viver. Creio que esse seja o principal papel da tecnologia: transformar. Por isso o livro é um meio tecnológico ainda muito importante, pois transforma, facilita e muda a vida das pessoas. (A. Mediador, Soure – PA)

Penso que, ao menos para a realidade do público que trabalho, o futuro que quero desenhar é no investimento da formação de mediadores e na garantia do acesso a livros de literatura de qualidade, assim em conjunto. A tecnologia só tende a avançar, e ela deve servir para nos beneficiar, assim como conseguimos armazenar centenas de informações hoje num pen drive, ou conversar com pessoas de todo o mundo por meio da internet. Creio que a nossa preocupação deve continuar sendo a mesma, formar leitores. A ferramenta que o leitor vai escolher para ler pode variar

de acordo com cada contexto. Creio que o interesse não está na ferramenta em si, e sim, nas histórias. Quero um futuro com muitos mediadores, muitos mais!

Celice Goncalves De Oliveira

Un camino posible...

Cerrar este proceso tratando de hacer una propuesta que nos ayude a pensar el futuro para la literatura infantil y juvenil es un gran reto y responsabilidad como mediador y como quien diariamente se construye como lector.

Hace algún tiempo he venido reflexionando sobre una idea que ha tomado más fuerza y forma, sobre todo al confrontarse con algunos documentos presentados en este curso. Soy maestra de educación inicial, en Colombia, y me preocupa cómo la literatura para niños y jóvenes sucumbe a procesos de instrumentalización en función de temas, indicadores de logros curriculares, propósitos pedagógicos y didácticos, campañas políticas y mediáticas, solicitudes comerciales de editoriales que confunden autoayuda con literatura, entre otros. Sí, actualmente en Colombia hay un interés generalizado por reparar y hacer promoción de prácticas de lectura y escritura. Surgen programas del Ministerio de Educación Nacional como *Leer es mi cuento* y concursos como *Las maratones de lectura* (1). Pero, desafortunadamente, los resultados en las pruebas PISA —pruebas que pretenden estandarizar resultados sobre los procesos de lectura como la comprensión— reflejan que la situación no ha mejorado mucho, continuamos siendo un país que lee poco y estos resultados negativos resuenan en las demás áreas, el bajo rendimiento académico y el hecho de ser unos de los países menos educados del mundo.

Lo que creo es que se pretende escolarizar una práctica que naturalmente es social. La lectura se gesta en la sociedad y es allí donde adquiere sentido. Si nos preguntamos por cómo garantizar el acceso a la lectura de tantos niños y jóvenes, necesariamente tenemos que acudir a la literatura. Literatura que entiendo como el primer acceso al universo simbólico, acceso que ocurre a través de la palabra que crea y transforma realidades. Literatura que vivimos como aquella experiencia de lectura estética y artísticamente bella. Literatura que hace parte de la génesis del lector por medio del vínculo, y que existe desde el momento mismo en el que un bebé en proceso de gestación interpreta su realidad a través de las emociones de una mamá que recrea lo que siente y piensa con palabras, con cantos, con arrullos, con nanas... De este modo, retomo lo dicho por Yolanda Reyes sobre lectura en primera infancia:

«Para leer o para dar de leer a los niños es necesario ese triángulo amoroso entre el adulto, el niño y el libro. Un adulto que canta, que abraza, que lee y descifra al otro». (2)

Pienso entonces en todo lo que sucede en la vida de un niño o una niña desde su gestación, escenarios que se tejen en torno al lenguaje, a las palabras y a los significados... Todo esto viene cargado de emociones, de vínculos, de latidos que

unen. Mamá inicialmente intentando imaginar a su bebé, luego cuando lo tiene en brazos, intentando descifrar sus llantos. Ella le ofrece —además de alimento— cantos, arrullos y palabras para calmar y saciar también su hambre de afecto, de cuidado y de protección. Y los bebés, que no se preocupan por contenidos, sino más bien por mantener a su disposición la presencia de la madre, disfrutan de la cadencia y la musicalidad de su voz. Entender que estas relaciones que se construyen en lo más íntimo de los hogares son, a la vez, lectura y literatura, cambia muchas ideas equivocadas que se tienen sobre estas prácticas, primero como exclusivas de contextos escolares o académicos, y segundo como permitidas únicamente para niños a partir de los cinco años. Porque, como sujetos de lenguaje, todos debemos tener acceso a aquellos *libros sin páginas*, los que se quedan en la piel y en el corazón, los que llevamos puestos casi como una marca de nacimiento.

Y, casi al mismo tiempo, aparece ese hermoso triángulo amoroso que describen Yolanda y Patricia tan claramente en los materiales aquí presentados: «Leer es un triángulo amoroso, entre adulto, un libro y el niño» (3), «lér é comprender é construir sentido y significado. Isso é o que fazem os bebes, à sua maneira, sempre que lemos histórias para eles» (p. 20) (4). Así que leer no es simplemente decodificar. Los bebés ya leen el rostro de su madre, sus gestos, los mundos representados en los libros. Y cuando una madre (padre, cuidador, nana) pone a ese bebé en upa y le muestra un libro de tela o cartón, pasan cosas maravillosas, se leen las imágenes, los diferentes tonos de voz, las intenciones... y así empieza esa construcción del *País del Nunca Jamás* (5). Una construcción personal pero que en las primeras edades e incluso cuando ya se lee y escribe convencionalmente debe estar acompañada de un adulto que te invita, te ofrece narrativa, cuentos, historias, aventuras que te envuelven para siempre.

A propósito, me impacta la manera como Yolanda relaciona en su libro *La Casa Imaginaria* dos aspectos que a primera vista no estarían escritos en la misma línea de un texto: *poética* y *política*. Cuando hablo con padres y familiares de niños entre los dos y cinco años, en el lugar donde trabajo como maestra, a veces siento que ellos toman algunas sugerencias que les hago como frases de cajón, que por supuesto son bien recibidas, aunque tomadas a la ligera. Paso algún tiempo sugiriéndoles no solo tener una biblioteca en casa con literatura infantil de calidad, además de abrir espacios en familia para dar de leer o recorrer las páginas de un libro con ese pequeño que estoy segura necesita los brazos y piernas de sus padres para sentirse seguro y así iniciar su viaje, un viaje al maravilloso mundo simbólico que irá construyendo como lector desde que está en la pancita de mamá como había mencionado anteriormente. Además tratamos de impulsar proyectos en donde las rondas, las canciones, la poesía, las historias estén vivas no solo en la escuela, también en los hogares.

Todo esto para mencionar que no sé si como padres, maestros e incluso gobernantes nos damos cuenta que dar de leer a los más pequeños no solo es una sugerencia o un proyecto de escuela, sino un DERECHO de niños y niñas que se están gestando como ciudadanos, con voz, con la posibilidad de participar, de ser sujetos de democracia. Si tenemos presente que leer y ofrecer literatura a los más pequeños es permitirles el acceso a otros mundos, otras realidades... No solo es palabras o texto, es conocimiento, son saberes puesto al alcance de niños y jóvenes, es el deseo de cerrar un libro y querer abrir otro para hacerse más preguntas, buscar más respuestas, sentirse incluido y vivo, tener algo que decir, porque quién puede negar la autoridad que te ofrece el hecho de convertirte en lector; un sujeto lector que, además de interpretar, puede reconstruir mundos posibles e imposibles; un sujeto lector que no pasa entero, que se cuestiona, que no tendrá miedo de participar, de opinar con criterio, de decir claramente lo que piensa; un sujeto lector que sabe que no solo existe una realidad, que respeta otra forma de ver y percibir el mundo y la vida... esto es hacer política, esto es permitir democracia, un derecho que tanto necesitamos en nuestros países latinos.

Y la propuesta...

Hasta aquí hay, claro, algunas ideas:

- La lectura en tanto práctica social no debe escolarizarse.
- La literatura es fundamental en la génesis del lector.
- El acceso al mundo simbólico es un derecho y un deber de padres, educadores, mediadores...

Me surgen algunas preguntas: ¿Cómo garantizar el acceso a la literatura y a la lectura? ¿En qué momento la práctica de leer, entendida como práctica vinculante y afectiva, se convierte en una práctica exclusiva de la escuela, por la que se pierde el interés? ¿Cómo hacer que además de llevar libros a las escuelas con programas y campañas mediáticas sobre la lectura en primera infancia, a los niños y jóvenes realmente les guste, disfruten leer y se conviertan en lectores autónomos con todo lo que implica?

«(...) Con la lectura pasa lo mismo, ya sabes... solo obtienes algo de los libros si eres capaz de poner algo tuyo en lo que estás leyendo. Quiero decir que solo si te aproximas al libro con el ánimo dispuesto a herir y ser herido en el duelo de la lectura, a polemizar, a convencer y ser convencido, y luego, una vez enriquecido con lo que has aprendido, a emplearlo en construir algo en la vida» (Marai, *La mujer justa*).

Lo principal... leer para disfrutar del acceso al mundo simbólico

Cuando hago referencia a abrir espacios para leer sin pretensiones evaluativas, me refiero a permitir situaciones de lectura en voz alta en la que los niños y los maestros, en tanto lectores, no centran su experiencia en resultados académicos, como la comprensión de lo que se lee, sino en el disfrute por la experiencia misma, en el proceso, en el placer que suscita acceder al mundo simbólico sin pretensiones, sin buscar nada, simplemente con la libertad de ir construyéndose como lectores cada uno con interpretaciones y caminos particulares.

Precisamente de eso se trata, no quisiera instrumentalizar la literatura en función de un logro pedagógico o un contenido obligatorio en el currículo escolar, no quisiera distraer a los niños demandando de ellos algo diferente a conectarse con la historia, a deleitarse con las situaciones que logran imaginar y a sumergirse en aquellos mundos posibles e imposibles que van reconstruyendo mientras se forman como lectores. Por lo tanto, cuando menciono que se deberían abrir espacios para disfrutar de la lectura, una lectura gratuita, no quiero decir que aquí los niños no están simplemente pasando por las páginas de un libro sin que esto no implique que construyen aprendizajes que van más allá de una nota escolar, se trata de conectarse positivamente con esta práctica, con la experiencia de leer, leer para imaginar, para comprender, para proponer, para interpretar, para poner palabras a las emociones, para reconstruir... y profundizando un poco más sobre lo que significa leer, Galia Ospina expone algunas definiciones de esta práctica en su libro: *El Libro álbum. Experiencias Creación y mundos posibles de la lectura en voz alta (2016)* citando a Evelio Cabrejo-Parra (2003) y a Michèle Petit (2001), respectivamente:

«La lectura es el acto generoso de poner en movimiento el libro psíquico del otro. La lectura debe ser vista como un acto de transgresión necesario para ensanchar fronteras y hacer catarsis en medio de situaciones conflictivas y difíciles».

Notas

1. <http://aprende.colombiaaprende.edu.co/es/leeresmicuento/88257>
2. REYES, YOLANDA (2011). "Lectura, poética y política en la primera infancia". Artículo tomado de *Había Una Vez*, revista de la institución chilena para la promoción de lectura Fundación Había Una Vez.
3. Reyes Yolanda (2002). *Ponencia "Cimientos de la casa imaginaria: poética y política en la primera infancia"*. Jornada "Lecturas en la primera infancia", organizada por el Plan Nacional de Lectura y Nivel Inicial del Ministerio de Educación de Argentina.
4. A.C.C.E.S (2013). *A pequeña História. Dos bebés e dos livros*. Laboratorio Emilia de Formación. Material del curso virtual *Al día con los libros para niños y jóvenes*.
5. Carranza, Marcela (2016). *Una ventana abierta al País del Nunca Jamás (Sobre la literatura del rapto)*. Laboratorio Emilia de Formación. Material del curso virtual: *Al día con los libros para niños y jóvenes*.

María Alejandra Rivera Molina

Encontrar el delicado equilibrio entre aquello que proponemos y aquello que dejamos que el lector seleccione

La lectura de literatura en la construcción del sujeto y en la instauración de su lugar en el mundo

Conversamos en diferentes foros sobre las exigencias y solicitudes de los padres de familia, en relación con sus expectativas frente a la formación de sus hijos como lectores. Los padres insisten en lograr —o solicitar al sistema educativo lograr— *que sus hijos se enamoren de la lectura, que sean buenos lectores*. Me desconcierta siempre la consecuencia principal (o única) que los padres establecen como esperanza de ese acercamiento. Me refiero a la preocupación de formar lectores porque es un asunto central en su transitar académico y en su éxito profesional. Me desconcierta que no dimensionen desde su vivencia las posibilidades de la lectura de literatura para encontrar nuestro lugar en el mundo, para ser más humanos... La siguiente cita de Petit condensa para mí el sentido más crucial de presentar literatura a los niños y, como veremos, su éxito académico no aparece por allí...

«Te doy canciones y relatos para que escribas tu propia historia entre las líneas leídas. Para que poco a poco puedas arreglártelas sin mí, pensarte como un pequeño sujeto distintivo, y elaborar las múltiples separaciones que te tocará afrontar (...) Te regalo trozos de saberes y ficciones para que no tengas demasiado miedo a las sombras y sepas hacerlas bailar; para que puedas simbolizar la ausencia y enfrentar, en la medida de lo posible, las grandes preguntas humanas». (Petit, 2012, p. 267)

Como padres fijamos como una prioridad de nuestros hijos su vida académica y profesional. Sin duda, desde la primera infancia construimos las condiciones para todas las posibilidades de desarrollo de los niños, de eso no hay duda, y por supuesto que los logros profesionales son claves en el desarrollo de un sujeto.

Pero creo que la modernidad nos ha llevado como padres, y también a veces desde la educación, a dejar de lado lo humano, lo social, las relaciones, la compasión, la empatía, la otredad, la diversidad... Entramos, sin darnos cuenta, en el afán de la productividad, la eficiencia y la competitividad e ingresamos allí a nuestros hijos, al focalizar esto como el centro de su formación y quizás esto debe replantearse si esperamos que los niños que formamos puedan construir condiciones más humanas en el mundo. Martha Nussbaum lo plantea así: «No debe haber ninguna objeción a una buena educación científica y técnica, y no sugiero que las naciones dejen de

tratar de mejorar en este sentido. Mi preocupación es que otras habilidades, igualmente cruciales, están en riesgo de perderse en el frenesí competitivo, habilidades cruciales para la salud interna de cualquier democracia, y para la creación de una cultura mundial decente, capaz de abordar de manera constructiva los problemas más apremiantes del mundo. Estas habilidades están asociadas con las humanidades y las artes: la capacidad de pensar de manera crítica; la capacidad de trascender las lealtades locales y acercarse a los problemas mundiales como un "ciudadano del mundo"; y la capacidad de imaginar comprensivamente la situación del otro». (Nussbaum, 2015)

Cuando pienso en la función y en el sentido de formar lectores, el éxito en lo académico es solo un efecto más y, quizás, el menos relevante para mí. Desde mi punto de vista, formar sujetos para las formas que las sociedades están tomando requiere más que logros académicos y profesionales. Hay una urgencia de sujetos que puedan ver y reconocer al otro en la diferencia, entender sus puntos de vista, sentir compasión por su dolor y alegrarse —genuinamente— por sus alegrías. En esta misma línea, María Teresa Andruetto, hace un llamado sobre la importancia de la literatura para *saber acerca de nosotros mismos* en asuntos y formas que no pueden hacerlo las ciencias exactas. En sus palabras: «Los lectores vamos a la ficción para intentar comprendernos, para conocer algo más acerca de nuestras contradicciones, miserias y grandezas, es decir acerca de lo más profundamente humano» (Andruetto, 2009, p. 38). De ahí la relación clara de la literatura con la ciudadanía. No digo que la lectura de literatura no tenga efectos muy fuertes en lo académico, especialmente, por la complejidad de los lenguajes y las nuevas formas que implican desafíos mentales y de comprensión. Pero, a mi modo de ver, sus efectos y posibilidades son más importantes y necesarios en la formación humana desde, y principalmente, en la primera infancia. Al respecto Nussbaum afirma: «La imaginación proporcionada por las novelas (...) puede ser la base para gobernar adecuadamente un país de personas libres e iguales o para desarrollar nuestra vida cotidiana como ciudadanos». (1995, p.42)

Con todo esto, para mí el sentido de la literatura, el para qué, en nuestras vidas es más que el disfrute. Es la posibilidad de pensar en otros y con otros las grandes preguntas que atraviesan nuestra existencia (la vida, la muerte, el sentido, las relaciones, la guerra, el dolor)... Por ejemplo, la posibilidad de sentir el dolor, nombrar eso que nos duele y ocultamos, entender (empáticamente) las acciones y decisiones de otros que hacen daño... Y claro, también para imaginar otras historias que no duelen, sino alegran, y que nos permiten alegrarnos en una historia de amor de dos personajes o entretenernos y sorprendernos en las aventuras de un ser fantástico...

Así, creo que la pregunta *para qué la literatura* es inmensa cuando pensamos el lugar del arte en la formación de personas que viven con otros, no solo a su lado, y que se piensan a sí mismos y a los demás desde la comprensión de lo que nos mueve desde lo humano, las sensaciones, sentimientos, intereses y necesidades que inundan día a día nuestra existencia... A mi modo de ver, la literatura es un asunto central en la formación de sujetos que puedan ser parte de una sociedad más justa y más humana...

Nuestros modos de relacionarnos con los otros, con los niños, de presentarles el mundo, también son políticos. En especial porque están cargados de la idea de nuevas generaciones que estamos formando porque creemos que son las que necesita la sociedad para construir mejores condiciones (más humanas, más competitivas, con mejor economía, depende de lo que cada uno considera prioritario). Personalmente, me cuestiona mucho la idea de que la escuela (y la educación en general desde los padres) promueva la competitividad como un asunto prioritario. De muchos modos, transmitimos a las nuevas generaciones que lo central en las relaciones con los otros y con el conocimiento es ser mejor que..., es ir siempre adelante, llevar ventaja y destacarse. No digo con esto que no quiero que mis estudiantes sean destacados en su ámbito profesional, solo que creo que esto es solo posible en el marco de algo más importante: la posibilidad de reconocer que viven CON (no contra) otros y esto abarca infinidad de asuntos, entre otros: la posibilidad de entender qué siente y piensa el otro, de ponerse en sus zapatos, sintiéndolo y entendiéndolo con otro que es siempre diferente y no por esto contrario. Esta es, sin duda, una apuesta política, más que un marco teórico de acción docente y pesa con más contundencia que todo lo demás. En esta misma línea, una idea fuerte que presenta la autora es la presencia de diversos modos que promueven en la escuela (y, en general, en todas las instituciones sociales desde la familia) la necesidad de acatar la autoridad en todas sus formas.

El afán de la competitividad, propio de la modernidad, que ha invadido las formas de educación es una manera de concebir la vida en el mundo que, entre muchas otras concepciones, ha hecho que, sin malas intenciones, los docentes (y los padres) promuevan cada vez más la literatura utilitaria que está siempre puesta al servicio de un aprendizaje académico o moral.

En este marco, me gusta mucho la idea de pensar la *literatura del rapto* como un desestabilizante de las formas más profundas de dar sentido a la educación. No se trata solo de pensar qué queremos leerles, o que lean, y para qué, sino que, en últimas, es la pregunta por cómo los educamos y para qué. Queremos niños que compiten entre ellos sin importar a quién o qué pisan, o queremos niños libres de pensamiento que pueden crear no solo nuevas formas de conocimiento y comprensión de la realidad, sino nuevas formas de relación y presencia en el mundo.

La literatura aporta en esto la posibilidad de creer en el país imposible y en los sueños propios, en vez de obligarnos de formas sutiles a aceptar el país que existe y asumir los ideales que otros han construido y definido como colectivos. Se trataría de ubicar la educación en el espacio transicional, en la zona potencial definida por Winnicott, en la que se negocia entre el deseo y la realidad, porque creo que en la posibilidad de esa negociación hay apertura a la creación, no imposición de lo que debe acatarse.

En últimas, creo que se trata de que como adultos renunciemos a la idea de que sabemos lo que los niños necesitan para habitar este mundo y pensemos su formación como apertura a lo no dado, como cuestionamiento de lo establecido y posibilidad de creación. Se trata de pensar la literatura, el arte en general, como pilar de la educación de seres libres que pueden decidir cómo construir el mundo que quieren vivir. «Los grandes descubrimientos de la humanidad se hacen en la frontera indómita, no en el lugar de la repetición y el acatamiento». (Carranza, 2016, p.9)

Frente al desafío de seleccionar, valorar, censurar y criticar la literatura

En los primeros años en casa o en el jardín, las decisiones sobre lo que se lee son siempre impuestas: los mediadores (padres, bibliotecarios, libreros y docentes) escogemos qué leer o qué leen los niños. De modo que construimos ese canon que tiene un poco de lo clásico, un poco de la novedad, un poco de lo que imponen las editoriales; pero sobre todo, mucho —no un poco— de nuestras apuestas y concepciones. Cuando decidimos por ellos partimos de elementos conscientes e inconscientes (como bien lo muestra el análisis de Bajour sobre lo que sucede en la Mesa de libros) que ponen sobre la mesa nuestros encuentros más íntimos con la lectura —damos un poco de lo que nos gusta y nos ha tocado—, pero también posiciones profundas sobre lo que creemos que es y permite la literatura, la formación del lector, lo que es un lector, lo que esperamos que pase cuando llega a los libros... Están presentes también nuestras censuras políticas, nuestros desaciertos y aciertos, en últimas, nuestra propia historia de vida y nuestro recorrido como lectores.

Ahora bien, en aras de la formación de un lector autónomo, que es central en los espacios de literatura en los primeros años y en respeto de sus intereses y gustos, creo que es clave permitir esos encuentros íntimos y azarosos, de los que habla Bajour, y que son el sentido último de las elecciones. «(...) Tendríamos que escuchar con mucho más cuidado y menos prejuicio quienes somos mediadores. Si volvemos a la idea de un canon que escucha a los lectores, hay mucho para aprender de las

formas en que los niños eligen y qué ideas sobre la cultura están presentes en ese gesto». (Bajour, 2005, p.14).

Entre estas dos instancias, el meollo del asunto está en encontrar el delicado equilibrio entre aquello que proponemos y aquello que dejamos que el lector seleccione, confiando en el criterio que va construyendo desde la mediación misma y, especialmente, desde sus relaciones con los libros y con otros lectores.

Con respecto a la crítica literaria y a los posicionamientos que al respecto hacemos los mediadores y formadores, los planteamientos de Perry Nodelman me resultaron muy sugerentes desde diversos ángulos, no solo con respecto a lo literario. Desde las ideas del autor, en relación con la primera pregunta, frente a los libros para niños todos somos, de manera intencional o no, censores. Cuando seleccionamos por diversos criterios, ya sean estéticos, literarios, morales, políticos o hasta pragmáticos, estamos tomando decisiones que se enmarcan en nuestras concepciones de formación de los niños y que implican de manera inmediata el distanciamiento y la censura de aquello que no escogemos. En este sentido, las reflexiones no irían en torno a quién censura la literatura infantil, sino hacia la necesidad de hacer conciencia y explicitar, al menos para nosotros, las razones que nos llevan a hacer determinada elección. Este paso de reconocimiento nos sitúa frente a la responsabilidad en relación con la literatura que presentamos a otros. Así, de diversos modos, explícitos o no, intencionales o no, somos críticos que desde nuestras concepciones y apuestas seleccionamos qué presentar a nuestros lectores y qué censurar, incluso con el silencio. De este modo, la crítica estaría en la cotidianidad de quienes nos relacionamos con la literatura infantil, incluso Aidan Chambers en su libro *Dime* tiene una propuesta frente a cómo desde la mediación también formamos a los niños como críticos de la literatura, cuando los guiamos en la construcción de un criterio para pensar sobre esta.

Un planteamiento central de Nodelman es la posibilidad que da la crítica para cuestionar lo que sale a la luz pública: «Si logramos evitar que lo digan, perdemos la oportunidad de cuestionarlos (...) es mejor que se diga, para que a la vez nosotros ejerzamos la libertad de señalar cuan ridículo o peligroso es, con la certidumbre de que si nuestros argumentos en contra son lógicos y bien fundamentados, algunas personas aceptarán la validez de nuestras conclusiones al respecto» (Nodelman, 1992, p.156). Desde estas ideas, la crítica que cuestiona permite que se construya un camino alternativo frente a ese libro que considero no pertinente o de baja calidad. Ese otro camino posible es el que yo como lector crítico propongo de manera fundamentada a los demás lectores mostrándoles las razones que me llevan a dudar de su potencialidad. Sin duda, se trata de construir una posición bien fundamentada que se basa en un conocimiento profundo del objeto en general: la literatura para

niños, solo así es posible construir una posición sólida que pueda ser válida para otros.

En lo referente a las diversas razones que soportan la censura de un libro, considero que los planteamientos de Nodelman nos llevan a reconocer otros asuntos nuevos frente a uno central que hemos abordado en los foros que se refiere a la calidad estética y literaria de un libro. El autor presenta otros elementos desde los que la crítica censura los libros para niños como, por ejemplo, temas tabú de los que se espera mantener a los niños alejados todo el tiempo que sea posible: violencia, discriminación, maltrato, sexo, guerras o estereotipos sociales que deseamos silenciar o bien imponer.

En suma, creo que todos los lectores que nos relacionamos con niños y que estamos inmersos en su formación como lectores, somos de diversos modos explícitos e implícitos, intencionales o no, críticos que censuramos o posicionamos la literatura que leen los niños; de modo que es clave hacer conciencia de la responsabilidad que tenemos y de las razones que están detrás de nuestras elecciones.

El placer y las ganas de saber: libros informativos

En el módulo dedicado a los libros informativos, fue una fortuna contar con alguien que conoce tanto de estos libros y que puede seleccionar y organizar en el mar desbordante de existencias aquellos representativos y guiarnos en la reconstrucción de su historia... Frente a este tema, hubo varios asuntos que recuerdo con especial emoción.

Me sorprendió muy gratamente encontrar la emoción como un elemento característico de los libros informativos en épocas y lugares diversos. Siempre asociamos desde las suposiciones que lo informativo es carente de emoción. Asocio esta emoción con los elementos que se ponen en juego para generar en el niño deseo de conocimiento, se trata de vincularlo para que le den ganas de aprender... En las palabras de Ana Garralón *se invita al lector a pensar en el tema...*

Otra sorpresa que encontré en la lectura fueron las relaciones entre esos libros y las concepciones de niños de quienes los producían. En el paso de los años, los libros van adquiriendo una complejidad que cada vez supera la idea sencilla de texto e imagen, los lenguajes y sus relaciones van tomando formas diferentes, complejas y novedosas que parte de la idea de un niño lector activo, inquieto y al que los retos le resultan atractivos. Considero que desde diferentes elementos, la transformación de los libros informativos nos da luces sobre las transformaciones en los modos de representar y reconocer a los niños como lectores y como sujetos sociales.

Me sorprendió gratamente pensar los libros informativos fuera del ámbito académico escolar. Reconocer que hay una lectura voluntaria que no va tras la búsqueda de una tarea, sino que está guiada por un interés genuino de conocimiento que responde al instinto humano de indagar, explorar y conocer el mundo que nos rodea.

Otra sorpresa que encontré en la lectura de los documentos fue pensar la posibilidad de que los libros informativos también tengan ese componente inmensamente humano que atrae lectores. Me refiero a la idea de que los libros de este tipo más leídos son aquellos que «combinan la fascinación de los datos con historias intensamente humanas» (Garralón, 2016, p.2).

Lo que entregamos y presentamos cuando leemos y damos de leer

Con los bebés, cuando les leemos más allá de las determinaciones académicas que esto pueda tener, considero que les entregamos de una manera suprema el mundo. Saciamos una necesidad de afectividad que está atravesada por el lenguaje, cuando les leemos, les cantamos, les hablamos o les narramos; estamos presentándonos ante ellos, calmando la ansiedad de su soledad, transmitiéndoles presencia y contagiándolos del mundo. Considero que con la lectura les entregamos, principalmente, un espacio de vínculo y cercanía que genera un espacio de seguridad para conocer y transitar en el mundo. Los alimentamos con las palabras de las historias y los llenamos de calor que los resguarda. Leerle a mi hijo cuando era bebé era una manera de entregarle mi amor, le entregaba un poco de eso que tanto amo, dedicaba mucho del tiempo juntos para contarle historias y mostrarle libros. Y ahora que es mi interlocutor de lecturas, disfruto mucho al conversar con él sobre lo que leemos sobre las diferencias entre nuestros gustos y admiro las posibilidades que le ha dado la lectura de historias para pensarse como otros y tratar de entenderlos.

La historia detrás de la LIJ

En el acercamiento a la literatura infantil y juvenil (LIJ) es central el reconocimiento de la función formativa que se le asignó en el interés de moldear las nuevas generaciones a las expectativas de buen ciudadano en asuntos, especialmente, de moralidad. En ello, Colomer afirma que la literatura infantil es el reflejo de los modos a los que una sociedad aspira a ser y las formas en que desea proyectarse, cómo quiere ser vista. En este sentido, en sus inicios la literatura infantil tenía una carga muy alta de mediación comercial que tenía que ver con aquello que se considera apropiado y posible para los niños, de modo que la producción de literatura tenía una carga de responsabilidad frente a las nuevas generaciones. La literatura infantil se ha transformado en un reconocimiento del niño como lector con sus posibilidades e

intereses, así como con sus cuestionamientos y conflictos propios de su humanidad. Desde allí han surgido nuevas posibilidades que retan y atraen su interés y que representan interesantes experiencias de lectura que van constituyendo su formación como lector. Sin embargo, los temas de moralidad y formación responsable de las nuevas generaciones, así como los temas censurados frente a otros posicionados, siguen siendo el fuerte del marketing de la literatura infantil.

... La historia que estamos escribiendo y la que escribiremos. Pensando el futuro (presente) de la lectura

Pensar la lectura en el futuro y reconocer su lugar y posicionamiento presente nos remite necesariamente a reconocer su pluralización y diversificación en el marco de la tensión entre lo tradicional (desde soportes hasta comportamientos lectores). La lectura con sus transformaciones ha ampliado sus posibilidades como práctica cultural y ha permeado diferentes espacios, modos y soportes, que exigen de los lectores nuevos gestos y comportamientos para abordarla. Hay una redefinición de las prácticas lectoras, como lo afirma Roberto Igarza, que ha posibilitado nuevas formas de exploración, nuevos acercamientos, nuevos lenguajes y, con ello, nuevos lectores. A mi modo de ver, no se trata de pensar en el enfrentamiento de posibilidades de lectura, sino en su apertura y diversificación, con especificidades, potencialidades y limitaciones. Los lectores encuentran, encontramos, hoy por hoy y cada día más, nuevos y variados textos que crean consigo nuevas prácticas y nuevas formas de lectura que no reemplazan los tradicionales soportes, sino que amplían nuestras experiencias y nuestras elecciones, sin implicar la desaparición del libro impreso, ni el surgimiento de formas superiores de lectura.

Referencias

- Andruetto, M. (2009) "Los valores y El valor se muerden la cola". Asolectura: Bogotá.
- Carranza, M. (2016) "Una ventana abierta al País de Nunca Jamás (Sobre la literatura del rapto)". Laboratorio Emilia de Formación. Material del curso virtual *Al día con los libros para niños y jóvenes*.
- Chambers, A. (2008) *Conversaciones. Escritos sobre la literatura y los niños*. Fondo de Cultura Económica: México DF.
- Negrori, M. (2015) "Conversación con María Negrori. La niña. Parte I", en Revista *El Anartista*.
- Nussbaum, M. (1995) "La imaginación literaria en la vida pública", en *Isegoria*. 11. p. 42-80

- Nussbaum, M. (2015). Discurso de Martha Nussbaum al recibir el Doctorado Honoris causa en la UdeA. Disponible en: <http://www.parqueexplora.org/visitenos/noticias/discurso-demartha-nussbaum-al-recibir-el-doctorado-honoris-causa-enudea/>

Catalina Roa Casas

La lectura no lo tiene nada fácil, tal y como la entendemos hasta hoy

El mundo del libro vive una situación muy compleja y navega por diferentes vertientes.

Roberto Igarza nos presenta tres aspectos interesantes:

- La lucha entre el libro de papel y los soportes electrónicos pareciera no ser tal. Hasta los momentos, el soporte tradicional del libro en papel convive con los dispositivos digitales. Hoy en día se lee indistintamente en cualquier soporte, con un evidente crecimiento en la utilización de dispositivos móviles para la lectura.
- El libro digital utiliza elementos tecnológicos: música, efectos especiales y elementos interactivos, para crear una atmósfera diferente. Existen libros digitales muy planos, así como libros en soporte de papel llenos de creatividad, y viceversa. De acuerdo a lo señalado por Mireia Manresa, en su conferencia del Grupo Gretel, la lectura digital es una lectura diferente que en algunos casos sorprende y confunde al lector analógico, quien todavía no se siente totalmente a gusto en esta forma de lectura. No obstante, los lectores acostumbrados a usar dispositivos electrónicos o jugar con videojuegos se sienten más cómodos y disfrutan de la interacción. A su vez señala Manresa que la lectura digital puede fomentar la reflexión y es necesario que los lectores se acostumbren a la lectura de todo tipo de códigos.
- No solo pueden considerarse lectores a aquellos que leen libros y periódicos. También son lectores, en un sentido amplio, aquellos que leen por trabajo, para hacer tareas escolares o universitarias, o los usuarios de las redes sociales. Otro aspecto a considerar es el éxito que tienen, hoy en día, las ferias de libros. Si no existiera un interés por la lectura, la gente no acudiría a estos eventos.

Dos datos curiosos aparecen en las encuestas: jóvenes que leen, pero que no se consideran lectores, porque no han leído un número determinado de libros; y los falsos lectores, jóvenes que mienten para que los consideren lectores. Pareciera que la lectura es vista con alta estima, aunque no se practique con regularidad.

- Hoy en día, la lectura de textos no es solo lineal, sino que también puede ser disruptiva e interactiva. Disruptiva porque la gente tiende a leer libros, en sus teléfonos móviles, y por lo tanto leen con las constantes interrupciones de las redes sociales, Twitter, o una llamada. Igualmente, es interactiva, porque además de los libros digitales, existen portales donde los lectores pueden cambiar los finales de los libros, inventar historias paralelas, dar voz a un personaje, escribiendo la historia desde su punto de vista. Los lectores actúan indistintamente como lectores o escritores, a través de las redes sociales.

Inés Miret prende una luz dentro de las oscuridades de internet:

- La existencia de blogueros y booktubers, en las redes sociales, que se declaran amantes de los libros, leen en papel, promueven la lectura y crean una comunidad de personas unidos por el amor a los libros. Estos espacios constituyen otra forma de interactividad de la lectura. En estos espacios los jóvenes se relacionan entre sí como pares, no existen jerarquías.
- La influencia que tienen unos pocos sobre el vasto océano que es el internet. Observamos cómo las redes sociales, dedicadas a los libros, como Goodreads, Anobii, canales de booktubers y Twitter, que poseen millones de seguidores, se encuentran en manos de unos pocos: Google, Amazon, Yahoo, Mondadori Editore.
- Los navegantes de internet no solo somos usuarios, también nos han convertido en datos y para facilitar nuestras búsquedas, una máquina ha creado un perfil de cada uno de nosotros. Pareciera que muy pronto solo nos moveremos dentro de nuestro círculo de confort, no podremos salirnos de estos parámetros. No tendremos derecho a buscar algo diferente o innovador, solo navegaremos según un patrón, sin mucha posibilidad de cambiar de rumbo. Es decir, los dueños de las redes sociales de libros podrían influir, en un futuro, en cuáles serán los libros que decidamos leer.

Por último, y no menos importante, María Dolores Prades hace hincapié en los siguientes puntos:

- El papel del crítico y el mediador dentro del vasto mundo que representa internet.
- Hoy en día se publican miles de libros prescindibles, que carecen de calidad. Se publican porque hay que abastecer el mercado como sea. A este hecho se suma la cantidad de libros de autor que surgen por internet. Por otra parte, las bibliotecas, escuelas y el Estado pusieron en manos de los grandes consorcios editoriales la decisión de lo que deben leer nuestros niños, sin que medie una actividad crítica de selección.

En cuanto al futuro, la lectura no lo tiene nada fácil, tal y como la entendemos hasta hoy. Está cambiando y debemos prepararnos frente a estas innovaciones. Analicemos los siguientes casos:

- Cómo convivirán la lectura en dispositivos telefónicos con la lectura lineal de un texto, el acto de leer en un espacio privado, interactuando exclusivamente con ese libro que cada vez que lo abrimos (sea en papel o en un dispositivo electrónico) nos abre un abanico de emociones, reflexiones, información, que a la larga nos ayudará a entender el mundo que nos rodea y a nosotros mismo. El Plano Nacional do Livro e Leitura do Brasil, según José Castilho Marques en su artículo *Libros y Lectura, una transición digital*, define la lectura como un

«proceso complejo de comprensión y producción de sentidos, sujeto a variables diversas, de orden social, psicológicas, lingüísticas, entre otras. Una perspectiva mecanicista de la lectura, que pretende reducir el acto de leer a mera reproducción de lo que está en el texto, ha sido uno de los grandes obstáculos para el desarrollo de la lectura y escritura. La lectura configura un acto de construcción de sentidos, realizado por los lectores a partir de un texto creado por otros sujetos».

Como podremos reflexionar y leer sobre nosotros mismos y el mundo que nos rodea, en este mundo tecnológico donde las personas están leyendo en sus dispositivos telefónicos: al mismo tiempo que se escucha música, se recibe un mensaje de texto y un email. Somos hombres-orquesta cuando leemos, pero qué estamos entendiendo, estamos realmente construyendo sentidos a partir de un texto, con tantas interrupciones.

Otro punto a analizar es si la lectura digital, con todas sus interacciones, permite reflexionar o configura una forma de leer diferente. ¿Es la lectura digital disruptiva, nos acerca más al juego y a las sensaciones que a la reflexión? ¿Dónde queda la imaginación cuando usamos un libro digital? ¿Los creadores de libros digitales, cuando no son el autor, condicionan de cierta manera la interpretación de un texto, al agregarle música, símbolos interactivos? Quizás, como señala Manresa en su exposición, soy lectora analógica con una visión fosilizada y todavía estoy muy apegada al texto. No me cierro a lo nuevo, pero no podemos olvidar lo anterior y más si funcionaba. Es muy importante que aprendamos a leer todo tipo de códigos, incluidos los digitales. El problema radica en que la lectura digital podría hacer desaparecer la lectura lineal de textos.

En definitiva, me asusta que en una sociedad donde lo importante es la inmediatez y lo lúdico, la lectura digital sustituya completamente la lectura lineal de un texto. La lectura lineal es más exigente y también produce interacción, con el escritor y con nosotros mismos

Comparto lo que dice Jean Marie Goulemot, en su libro *El Amor por las Bibliotecas*, citado por José Castilho Marques en *Lectura derecho de ciudadanía*:

«Desejo que meu neto... deforme os bolsos de seus casacos com os livros que tiver enfiado neles para lê-los ao sol ou tranquilamente á sombra, no banco de um parque. Desejo-lhe também que levante os olhos de seu livro para olhar uma leitora passar entre as estantes da biblioteca e que retome a leitura pensando que a vida vale a pena de ser vivida e mesmo sonhada. Assim seja».

- La cantidad de libros que se están editando y comercializando, sin importar su calidad. Algunos editores y distribuidores están equiparando el libro a las prendas

- de vestir que deben cambiarse según las estaciones. Novedades, novedades y novedades, pero qué sucede con los clásicos o libros buenos, de calidad, que es necesario mantener en las librerías o bibliotecas a lo largo del tiempo. El libro debe ser entendido como un producto cultural, no puede ser comercializado como un par de zapatos. Y por ser un producto cultural, es fundamental el papel de los buenos editores, bibliotecarios, maestros y libreros que ponga en mano de los lectores los libros adecuados para que se formen como buenos lectores y pensadores críticos, que como dice Castilho Marques nos hará, en definitiva, buenos ciudadanos. ¿Cómo hacer para que las compras de libros infantiles por parte del Estado y las bibliotecas públicas sea un ejercicio serio de selección?
- La influencia de booktubers y blogueros en la promoción del libro. Estos jóvenes han puesto el libro en un lugar preponderante. Gracias a ellos se están creando espacios de jóvenes unidos por un fin común, que es el amor a los libros. Los jóvenes están hablando de libros. Los mediadores debemos aprender de sus maneras de aproximarse al libro, para obtener mejores resultados en la promoción de lectura para adolescentes. Sin embargo, muchos de estos booktubers o blogueros se dedican única y exclusivamente a recomendar bestsellers o sagas y algunos parecieran contratados por las editoriales. ¿Cómo hacer para potenciar este tipo de espacios en cuanto a calidad y crítica literaria? ¿Cómo lograr que no se limiten a resumir los libros y que los seguidores solo digan que les gusta, cómo promover discusiones que generen mayor reflexión?

Andreína Melo

Pensando en voz alta

Me atrevo a escribirles aunque sea brevemente sin contar con el tiempo y las condiciones para hacer una intervención adecuadamente razonada y documentada bibliográficamente que permita verificar las fuentes específicas de mi aprendizaje puesto en práctica en el esfuerzo de pensar o proyectar un futuro de la literatura infantil y juvenil latinoamericana, desde un presente de la Nicaragua en la que nos toca desarrollar la promoción de lectura de *iLibros para Niños!* y el cual podría, en mucho, más bien ser considerado un pasado. Una realidad en la que todavía no llegan los libros impresos a miles de niños y niñas que crecen sin tener la oportunidad de profundizar su comprensión sobre sí mismos, su humanidad y, el mundo que los rodea, a través de la lectura literaria. Huérfanos de libros y de pensamiento crítico sobre su realidad y ya condicionados por las transformaciones provocadas por la era digital sobre la lectura y las formas de leer, así como las tendencias en el mercado del libro. Un mercado que se desarrolla en respuesta a una demanda que favorece lo superficial y banal propio del mundo del espectáculo o bien la instrumentalización de la literatura con fines didácticos al servicio de la enseñanza escolar o moral.

Si de imaginar el futuro del libro impreso se trata, lo haría desde el poder de la selección de promotores, editores, libreros, bibliotecarios *defensores de la palabra literaria* que, formando una gran alianza regional, resistirían e influenciarían las tendencias negativas del mercado. Creo, tomando en cuenta lo aprendido, que la selección del libro infantil y juvenil en América Latina tendría que reflejar la realidad diversa y local que nos es común, preservando nuestras especificidades culturales, de lenguaje y de miradas, mientras su esencia literaria es universal. Debe reflejar historias, poemas, rimas y todos los géneros literarios en la rica tradición oral local y regional. Reflejar también historias contemporáneas que desde la metáfora conocida nos lleven al lenguaje universal. Al mismo tiempo, los niños y jóvenes latinoamericanos deben tener acceso a la buena literatura generada desde otras localidades del mundo que reflejen la realidad de temores y sueños de niños y niñas distantes y cercanos a los nuestros y que pongan también en la agenda de la reflexión personal y comunitaria los valores universales de la humanidad que se juegan hoy en día ante las crisis humanitarias que vivimos. Me imagino a los clásicos en versiones originales conviviendo y siendo revitalizados ante niños y jóvenes por adaptaciones creativas y más cercanas a sus miradas actuales. El libro digital, los libros animados, los audiolibros y otros formatos mediatizados del libro que logren provocar y cumplir la función que la literatura como arte cumple, conviviendo desde la red con los libros impresos en bibliotecas escolares, comunitarias o caseras. Me imagino las fuerzas de las redes sociales convertidas en un aliado cada vez mayor de la difusión y promoción de obras literarias de calidad. Los lectores cada día más

involucrados en la selección, crítica y sobre todo la promoción de los libros. Me imagino a los mediadores y promotores o personal en cargos sensitivos para el libro y la lectura convertidos en lectores enamorados y en capacitaciones y orientaciones de actualización permanente con el apoyo de investigadores, especialistas y críticos de literatura infantil serios, responsables y sensibles. Las bibliotecas como centros de clasificación, de filtro, de información y facilitadores del acceso de los lectores a las obras literarias en cualquiera de sus formas: libro impreso, digital, animación, film u otro. El criterio sería la capacidad de seleccionar, de recomendar con criterios, de descubrir esas obras nuevas y viejas-clásicas meritorias de nuestra atención. Diferentes versiones de una misma obra clásica. También deben estas bibliotecas comunitarias facilitar espacios de lectura y acceso a libros en comunidades y localidades específicas en donde haga falta. Me imagino la realización de grandes campañas latinoamericanas de sensibilización sobre el libro y la lectura al público en general hechas de común acuerdo en toda la región al mismo tiempo y promovidas por los *defensores de la palabra*.

Antes de terminar quiero comentar que me he preguntado por qué somos casi todas mujeres en este curso. ¿Dónde están los hombres en la lectura? Creo que eso puede ser un tema de fondo que deberá de estar resuelto en el futuro.

Para todo lo anterior es vital una red de aliados en la cadena del libro y la lectura literaria que desde un compromiso y visión compartida actúen para influenciar y modificar el mercado del libro en América Latina. ¿Quiénes se apuntan?

Gloria Maria Carrión Cruz

Bibliotecas Comunitarias, algunas reflexiones

No se trata de impulsar un idealismo ingenuo, sino de que comprendamos algo muy sencillo: nadie busca lo que no concibe. Por eso es esencial que "lo posible" crezca, se ensanche, conquiste nuevos territorios (primero adentro nuestro para luego aventurarnos a buscarlo afuera).

Luis Pescetti

Para iniciar una reflexión sobre las bibliotecas, parto de una idea compartida por Daniel Innerarity: *La biblioteca es una institución viva*, espacios dinámicos, que son en la medida que pueden re-definirse, re-pensarse a partir del encuentro con otros, con los lectores. Muchas veces las bibliotecas, como otras instituciones sociales, parecen responder al orden de lo "ya dado", de lo establecido e inalterable; sin embargo, considero que su supervivencia y su potencia dependen de este dinamismo, de la reivindicación de sus funciones sociales, sus desafíos y responsabilidades.

Al pensar en las bibliotecas comunitarias hago referencia, particularmente, a aquellas bibliotecas que se sitúan en barrios, en comunidades afectada por la vulneración de derechos, sitios bordeados por las injusticias, donde las posibilidades de acceso y disfrute de los bienes culturales están limitados y condicionados por el contexto.

La Biblioteca de la Fundación TEMAS, "La Casita", que es la experiencia desde donde reflexiono, se construye cada día desde hace diez años en la Villa 21-24, uno de los barrios más poblados de la Ciudad de Buenos Aires (50.000 hab. en 65 hectáreas). Un barrio en donde no hay suficientes escuelas, donde hay pocos o ningún libro en las casas, donde no hay un hábito lector, pero sí la costumbre de contar y compartir historias.

Esta biblioteca comunitaria, como muchas otras, físicamente es un pequeño espacio que convive con múltiples actividades educativas y recreativas, de promoción e integración social. Un lugar donde lo "urgente", las necesidades inmediatas —en muchas oportunidades— suelen imponerse sobre las construcciones y los proyectos a mediano o largo plazo.

Lo multifuncional del espacio comunitario, los diferentes sentidos que lo atraviesan, son parte de la esencia de estas bibliotecas que tienen un ritmo y una sonoridad particular, diferente. Pero también un desafío permanente, en contextos que desbordan, y es la necesidad de ejercitar la reflexión, detenerse a pensar sobre lo construido, leer el contexto que nos interpela y redefinir las funciones, las estrategias y las posibilidades de las bibliotecas comunitarias.

Reconocer la importancia vital

Frente a determinadas realidades no se cuestiona, por ejemplo, la existencia de Comedores Comunitarios, hay consenso y acuerdo sobre su necesidad para garantizar el derecho a la alimentación (o de mitigar el hambre). Sobre las bibliotecas no se diría lo contrario, ni tampoco se duda de su importancia; sin embargo, en los hechos este reconocimiento se desdibuja y está limitado a unos pocos espacios que funcionan como bibliotecas comunitarias. Si pudiésemos medir o pesarlo, en muchos lugares estaríamos frente a una severa desnutrición del alimento simbólico, del lenguaje que nos posibilita crear, imaginar.

Agradezco lo verdadero de esta "metáfora" a Evelio Cabrejo y a Yolanda Reyes, que nos explican la importancia del alimento simbólico para poder construirnos como sujetos. Entender que la carencia o la posibilidad de crecer entre palabras, historias, ilustraciones, sonidos que cuentan, tiene que ver con la nutrición, con tener mejores posibilidades simbólicas para edificar nuestra subjetividad.

A menudo, durante los primeros encuentros con las familias de los niños que participan de los talleres escucho que me dicen con cierta preocupación: *es tímido, le cuesta hablar o la nena es muy calladita*. Pero esos silencios no se tratan —por lo menos no solo— de un rasgo de la personalidad; la mayoría de las veces tiene que ver con la escasez, con lo que falta, los cuentos que no le leyeron, las canciones que no escuchó, los libros que no agarró entre sus manos, los dibujos que no acarició o que no bordeó con sus dedos al pasar las páginas. Y esa "desnutrición" limita profundamente la posibilidad de contar y de contarse, las posibilidades expresivas sobre sus emociones, sobre lo que desea o lo que no le gusta, sobre el registro de la propia experiencia, la construcción de sentidos, el poder de imaginar... en definitiva, la posibilidad de ser más libre.

La biblioteca comunitaria, un lugar

Roberto Igarza se (y nos) pregunta: *¿qué bibliotecas tienen futuro?* Aquellas que puedan re-vincularse con otros actores-mediadores, que potencien los consumos culturales, que entrecrucen narrativas y experiencias, aquellas bibliotecas que se postulen como un "laboratorio de experiencias".

Las bibliotecas comunitarias deben redoblar el desafío de re-vincularse con los niños y niñas del barrio, de presentar otras, diferentes formas de consumos culturales, de promover la construcción y la multiplicación de "caminos lectores", como señala Laura Devetach, que sean experiencias.

Un espacio-tiempo para...

- El intercambio, donde se pone en juego el compartir y la confianza en el otro lector, usuario, vecino, ciudadano.
- El encuentro, con los libros, con otros caminos lectores, con un mediador que ofrece, sugiere, desde el saber y desde el afecto.
- La exploración, la posibilidad de descubrir, dejarse sorprender, encontrar. Para ello es importante desandar algunas ideas que heredamos del ámbito escolar y que solemos transpolar al espacio de las bibliotecas, como es la homogenización de los tiempos, las necesidades, los "requisitos", en una biblioteca los tiempos y las exploraciones son personales, lo que se fortalece es subjetivo, la resonancia emotiva-cognitiva le pertenece a cada uno que interpela la vida, que la altera, en mayor o menor medida, para siempre o por un ratito.
- El disfrute y la apreciación estética, la posibilidad de acceder a esas "mercancías artísticas", más allá de la posibilidad de compra que tengamos.
- Estimular la imaginación, para reconocer la potencia creativa y fantástica.
- Antonio Ventura dice: «mientras vivimos dentro del libro, nuestro tiempo personal queda clausurado; vivimos en un espacio-tiempo que nos es ajeno, pero que nos conmueve, nos modifica, nos otorga herramientas y volvemos a nuestra vida real con una mirada más sensible y eficaz sobre la vida». Las bibliotecas son un lugar para vivir, de a momentos, adentro de un libro y para salir de él diferentes.
- Por último, un espacio-tiempo para que los niños y niñas se apropien de las historias, de la tradición cultural, de la información, de las ilustraciones, de los diseños, de las rimas, de las fantasías... porque les/nos pertenecen. Las bibliotecas, como un lugar para acceder al capital simbólico y cultural como un acto de justicia.

Para el futuro, un desafío

Algunos presentes caminan más despacio, se tropiezan, se encuentran con cientos de obstáculos, van un poco más lento y pesados. Por los costados otros presentes circulan por un camino de autopista y van... pronto van llegando, se valen de herramientas que facilitan y enriquecen el viaje.

Hay presentes que dan la sensación de un estallido de posibilidades: múltiples pantallas, redes virtuales, producciones multimedia, narrativas transmedia, bibliotecas virtuales, redes sociales, aplicaciones para teléfonos, etc.

A diario hay propuestas cada vez más accesibles y "amigables", tecnológicamente hablando, que se prestan al servicio de la producción y la promoción literaria. Enfrentarse a este mundo de posibilidades, planificar cómo incorporar los nuevos

medios, lenguajes y narrativas a un espacio como las bibliotecas supone un enorme desafío y una gran responsabilidad.

Pienso que las bibliotecas comunitarias tienen otros tiempos y otras necesidades que condicionan sus funciones, además de otras posibilidades económicas y materiales que limitan la incorporación de tanto futuro. Sin embargo, el desafío es no perder la vitalidad y no dejar que la brecha de inequidad, también tecnológica, nos pase por encima.

Tomo prestado nuevamente un planteo de Daniel Innerarity: «Las sociedades democráticas nos jugamos nuestro futuro en el modo como seamos capaces de promover el saber, organizarlo y ponerlo a disposición de las personas y de las decisiones colectivas». Comparto, y entiendo, que es el desafío clave de cara al futuro.

No es un presente fácil para los pueblos de América Latina, ¿alguna vez lo fue?, entonces tenemos una grata responsabilidad, garantizar el derecho a la lectura, que es el derecho a la imaginación, que es el derecho a la palabra, que es el derecho a saber, el derecho a poder elegir... que es una posibilidad de libertad.

Daniela Alejandra Astini

El futuro reside atrás

Debemos reubicar el futuro. A juicio de muchos pueblos de Oceanía el futuro reside atrás, no adelante.

Margaret Mead

Para pensar en las bibliotecas y espacios de lectura del futuro, siguiendo lo que dictan los pueblos de Oceanía que cita Margaret Mead y que nos recuerdan Martín-Barbero y Lluch, debemos pensar en lo que estamos haciendo hoy, que será el futuro de esas bibliotecas venideras. En nuestra manera occidental de mirar el mundo, hoy será el pasado de aquellas. Propongo entonces un juego, una ida y vuelta entre dos momentos: nuestro presente —llámese pasado o futuro del porvenir— y nuestro futuro —con lo deseable, lo probable y lo temible.

Pensemos en el hecho de trabajar con la dupla personas-libros. Trabajar con personas ha sido una constante histórica para muchos, como los mediadores de lectura, y creo que lo seguirá siendo, quizá con menor intensidad por la invención de canales indirectos de comunicación que impiden la comunicación cara a cara, pero seguirá siendo, al menos por mucho tiempo, una situación *natural* el ver a otros e interactuar con ellos por distintos motivos. Sin embargo, si pensamos en trabajar con libros puede sonar improbable, obsoleto, como si fuesen objetos en peligro de extinción, como el cassette, el rollo de película o el diskette; y las bibliotecas podrían mirarse como santuarios para hacer una visita turística o simplemente como un espacio curioso del pasado, como las cabinas de fotos instantáneas o los videoclubs. Para que todo esto no ocurra, hoy tenemos mucho por hacer.

Quizá, en primer lugar, debemos estar abiertos a la incorporación de nuevos soportes de lectura, confiar en la convivencia del papel con lo digital —la diarquía de la que habla Umberto Eco—, pero principalmente confiar en que las historias podrán plasmarse en ambos soportes y que las experiencias de lectura seguirán ocurriendo. Pienso que sería conveniente que nosotros, como mediadores, estemos al tanto de esos nuevos soportes, que no permanezcamos ajenos y cavemos con ello una brecha más profunda entre los nuevos lectores y nosotros. Asimismo, nuestras bibliotecas deberán ofrecer no solo lo que han ofrecido siempre —libros—, sino lecturas a través de las nuevas tecnologías, pero también actividades donde la lectura y los lectores sean los protagonistas.

Debemos ser conscientes de que los libros son objetos culturales, que implican sentidos de apropiación y prácticas arraigadas y profundas, distintas a las relacionadas con los objetos que simplemente guardan información —como el CD, la memoria USB, el diskette.

Una «biblioteca viva», como plantea Innerarity, capaz de modificar lo que se requiera cambiar. Robo aquí las palabras de Virginia Woolf, quien las definía como un lugar «donde los muertos están vivos y los mudos hablan». Un lugar donde podemos escuchar a los que ya no están o los que están muy lejos, donde nos puedan hablar al oído a través de sus textos.

Y para que la biblioteca no se convierta en un videoclub cerrado o desaparezca como las cabinas de fotos instantáneas, debe ir mucho más allá de un espacio de realización de tareas, pues para eso ya tienen los niños y los jóvenes otros medios. Si la biblioteca es solo vista para hacer la tarea pronto estará en peligro de extinción. Por tanto, debemos cuidar que esta sea pensada como un espacio donde pasen muchas cosas: un lugar de encuentro con otros; espacios con «las culturas que hoy habitamos y practicamos: las literarias, plásticas y coreográficas con las culturas orales y las sonoras, las musicales, las audiovisuales y las digitales» (Martín-Barbero y Lluch, 2011, p.26); espacios de lectura en un sentido mucho más amplio que la lectura de palabras escritas, más cerca de la lectura del mundo de la que habla Freire. Espacios donde ocurran experiencias de lectura, como algo que nos pasa a nosotros mismos, nos toca y nos transforma, un espacio de lecturas que nos raptan, como plantea Marcela Carranza. Lecturas que nos den pinchazos —recordando lo que dice Andruetto, basándose en Horacio González y en el punctum de Barthes— provocados por lo que el texto nos dice a nosotros mismos, pero también por el vínculo, por el afecto, por el pertenecer a un campo, por el vernos reflejados en eso que leemos.

También imagino las bibliotecas del futuro como los bosques de los cuentos de hadas, siempre vigentes. Escenarios que puedan albergar seres fantásticos, perversos devoradores de niños, personajes entrañables; árboles protectores o agresivos y flores poderosas; animales asesinos o bondadosos, ataviados con ropa o con su tradicional piel o plumas; humanos que transmigran su alma en el cuerpo de animales. En el bosque podemos esperar que ocurra cualquier cosa. La biblioteca, entonces como un espacio para la sorpresa.

Mause (citado por Goldin) se refiere a la identificación entre niños y adultos como lo que marca la historia. Esto nos alerta a los mediadores para no pensar únicamente en la relación de los niños y los libros, sino también en qué futuro estamos pensando para ellos, qué mundo estamos construyendo para ellos, qué espacios queremos heredarles. Mirta Fernández nos previene de que la infancia no sea víctima de los adultos, no únicamente a través de la violencia o la pobreza, sino a través de formas más sutiles, como la censura de libros o el darles textos digeridos, estereotipados, o al darles solo palabras fácticas y negarles palabras para imaginar y para salir de lo concreto y lo inmediato.

Sigamos pensando en la biblioteca del futuro, un espacio que convoque no únicamente a los ya alfabetizados, sino también a los bebés, vistos como lectores. Que en las bibliotecas del futuro existan espacios para esos primeros encuentros con los libros. Los bebés, en países como los nuestros, han estado generalmente invisibilizados, han sido sujetos de políticas de salud, pero no de políticas culturales, como si aún no estuvieran preparados, como si las bibliotecas fueran únicamente para los escolares. Bibliotecas entonces que convoquen a las familias, que fomenten vínculos entre ellos, que brinden un material adecuado para inaugurar a los bebés como lectores. Que las bibliotecas, además de ser un lugar del hallazgo, sean un lugar que enriquezca ese hallazgo, pues idealmente el primer encuentro con los niños sería el hogar. Sin embargo, independientemente del punto de partida de esos bebés, pensamos en un espacio que les ofrezca experiencias tempranas de lectura que contribuyan a su proceso como lector en la vida.

En la actualidad todo es cada vez más rápido, la comunicación, los traslados, el ubicar información... hay poco tiempo para las palabras narradas, para estar con los más pequeños. Las bibliotecas del futuro podrían ser el lugar para detener un poco la velocidad del tiempo y estrechar vínculos.

Pienso una biblioteca pública, pero no pienso en lo público «históricamente confundido con, o subsumido en, *lo estatal*» (Martín-Barbero y Lluch, 2011, p.22). Pienso en una biblioteca como los espacios donde he trabajado, bibliotecas comunitarias y populares gestionadas y sostenidas por la sociedad civil —con la autonomía que esto le brinda y las carencias financieras que muchas veces conlleva. Espacios de ciudadanía, no tanto relacionadas como espacios del saber, sino de convivencia, de ejercicio de derechos, de saberes en plural.

Biblioteca donde también esté presente la escritura, más allá del mero instrumento, sino como medio para contar sus propias historias, como nos recuerdan Martín-Barbero y Lluch.

Pensar en una biblioteca del futuro implica también en estructuras más amplias, donde la cultura letrada no sea, como plantean Martín-Barbero y Lluch (2011), que ha sido «cómplice y engranaje de inequidad social y cultural» (p, 19). Imagino una biblioteca del futuro incluyente y no excluyente, que no solo convoque a los que de por sí están en contacto con la palabra escrita, sino también a los que tienen un punto de partida con escasa cultura escrita, como dice Petit (2001): «Cuando alguien no ha tenido la suerte de disponer de libros en su casa, de ver leer a sus padres, de escuchar relatar historias, las cosas pueden cambiar a partir de un encuentro» (p.25), y este encuentro puede darse en la biblioteca. Por su parte, Bértolo habla de una lucha por las palabras, es decir, hay un mayor o menor acceso a las palabras, hay palabras más o menos poderosas, que, aunque sean las mismas, su poder radica en quién, cómo y dónde las dice.

¿Qué materiales deberá incluir nuestra biblioteca del futuro?

Libros diversos. Libros en muchos soportes; un canon de espejos y ventanas, donde podamos reflejarnos, pero también donde podamos ver más lejos y conocer otras realidades. Un canon que tenga como centro al lector.

Libros que se presten a distintos destinatarios, destinatarios inteligentes, capaces de encontrar la metáfora en lo que leen.

Y el acervo de la biblioteca del futuro implicará, como hoy, una censura, en términos de Nodelman, que deje fuera lo estereotipado, lo sexista, lo moralino, y que incluya muchas miradas, muchos formatos, muchos temas, textos que permitan hacer el horizonte del lector más amplio.

Adaptaciones, en el buen sentido de la palabra, no las del tipo Disney, que, como plantea Bruzzoni, ponen el acento en la forma, y no en el texto madre y buscan instalarse en el imaginario, cayendo bien y no buscando ser fiel al cuento clásico. Adaptaciones a otros lenguajes, como *El corrido de Caperucita Roja*, que nos presentó Adolfo Córdova. Un canon trasmedia, siguiendo al mismo autor.

Esta selección, como dice María Beatriz Medina, no debe ser canónica ni inmutable, debe responder a los tiempos que vive, debe ser congruente a su contexto. Libros que, como ella misma dice, sean de calidad, pues «los buenos libros son las mejores razones para leer».

Podemos culpar a la televisión, a las nuevas tecnologías, a la escuela, a los padres que no leen, a los pocos presupuestos destinados a cuestiones de lectura, a la escasa presencia de la lectura en la agenda pública... podemos hallar muchos culpables, pero nosotros, como mediadores debemos seguir haciendo nuestro trabajo, debemos seguir pensando que la lectura es un camino y que hay que mostrarlo.

Spinak —con sus cifras— y Eco nos ayudan a dismantelar el discurso fatalista, amarillista y apocalíptico de la inevitable muerte del libro, a confiar que resistirá, como los grandes inventos de la humanidad.

Las reuniones alrededor del fuego, de la mesa, del libro, esas no podemos perderlas, las palabras como vínculos, como los hilos que nos tejen.

Las bibliotecas se han transformado, han abierto sus puertas no solo a los libros, sino a las personas; al principio solo estaban incluidos los estudiosos (hombres) y en la actualidad están abriendo sus puertas a los bebés. Y no solo están abriendo sus puertas, también están saliendo, ya no son cerradas o estáticas. Ya no se encuentran solo en espacios que no permiten la convivencia con otras actividades. Antes, los estudiantes tenían que ir a las bibliotecas, ahora las bibliotecas van a donde están los

estudiantes. Pienso en el futuro de las bibliotecas como espacios cada vez más comunes, de convivencia cotidiana.

Y quisiera cerrar esta intervención como la empecé, con la antropóloga Margaret Mead: «Debemos ubicar el futuro entre nosotros, como algo que está aquí, listo para que lo ayudemos y protejamos antes de que nazca, porque de lo contrario sería demasiado tarde». (Mead, 1971, citada por Martín-Barbero y Lluch, 2011, p. 47).

Verónica Macías Andere

Panorama del libro (de/para) niños y jóvenes

El que no cree en la magia nunca la encontrará.
Roald Dahl

Ni el más sabio conoce el fin de todos los caminos.
El Señor de los Anillos, J.R.R. Tolkien

Al pensar en la actividad final del curso vino a mi memoria una escena de la película *Pay it Forward (Cadena de favores)* en la que un maestro, el primer día de clases, pone en el tablero la siguiente frase para sus estudiantes: «*Think of an idea to change our world – and put it into ACTION!*». Pensar en el futuro del libro para niños y jóvenes implica en parte pensar en cuál fue su pasado y cómo es su presente, parte importante que este curso nos ha mostrado y permitido repensar en los últimos meses. Para hablar del futuro, del cual hacemos parte y del cual somos en gran medida responsables, lo haré desde mi experiencia como padre y maestro, pero también como lector, escritor, promotor y ciudadano.

Ahora, ¿quiénes son responsables del futuro del libro? Somos muchos los que hacemos parte de esa larga cadena que va desde la creación, producción, distribución hasta el consumo; tal como nos lo dio a conocer Dolores Prades en *Panorama atual do livro para crianças e jovens. Mercado e promoção do livro e da leitura*.

Responsables son los escritores, las editoriales, los gobiernos de turno, las escuelas, las bibliotecas, las librerías, los lectores y los no lectores. Todos somos responsables. A continuación, haré alusión a algunos de estos.

A los niños desde que están en el vientre de su madre hay que darles de leer, expresión utilizada por Yolanda Reyes para referirse a la necesidad de brindar a los niños lecturas diversas que nutran su imaginación, lenguaje y creatividad. Aquí entran a jugar un papel muy importante los padres, quienes en muchos casos se dejan llevar por lo que impone Disney o con algo de suerte por el consejo de un buen librero y que, en el mejor de los casos, son el primer y mejor modelo a imitar para sus hijos. Por otra parte, recordando lo que nos dice Dolores Prades, la LIJ es en parte responsable de la formación de estos futuros lectores autónomos y críticos, y es aquí donde entra un nuevo componente: la escuela.

Sin considerar que la escuela sea el lugar más propicio para encariñarse con la lectura, (no es que no crea que lo puede ser, es que creo que no lo ha logrado) asumo como docente la responsabilidad de dar las herramientas necesarias para formar dichos futuros lectores autónomos y críticos. Ahora bien, no es tarea fácil y

para ilustrarlo pongo como ejemplo una situación que se vive en Colombia y que seguramente se vive en otros países de Latinoamérica: la cantidad de novedades editoriales y la casi inexistencia de clásicos infantiles y juveniles. Y es aquí donde entra un nuevo componente, las editoriales. Considero fundamental dar a conocer los autores clásicos a mis estudiantes, como referente o modelo de buena literatura, para que a futuro sean ellos los que decidan qué es bueno y qué es malo, o mejor, qué tiene el mérito de ser leído. Pero al revisar los catálogos de varias de las editoriales que ofrecen los llamados “planes lectores” estos dejan por fuera dichas obras manteniendo, en el mejor de los casos, adaptaciones que dejan ver lo mucho que subestimamos a sus lectores. Esto pensando en el caso de una escuela privada que cuenta con grandes recursos, pero también está el caso de aquella escuela pública en donde los estudiantes difícilmente cuentan con la posibilidad de comprar un libro. Aparece entonces un nuevo componente, el Estado.

Para el caso de Colombia, el futuro que intentamos visualizar resulta contradictorio y poco alentador. Si bien en los últimos años se han venido realizando diferentes iniciativas que buscan, desde los sectores público y privado, aumentar los espacios y oportunidades para que la población lea — desde bibliobicicletas o biblioburros hasta grandes bibliotecas y programas de fomento a la lectura— aún falta mucho por hacer y más cuando la futura reforma tributaria amenaza con quitar beneficios fiscales, que llevaría a que las editoriales aumentasen en un 14% aproximadamente el costo de las publicaciones.

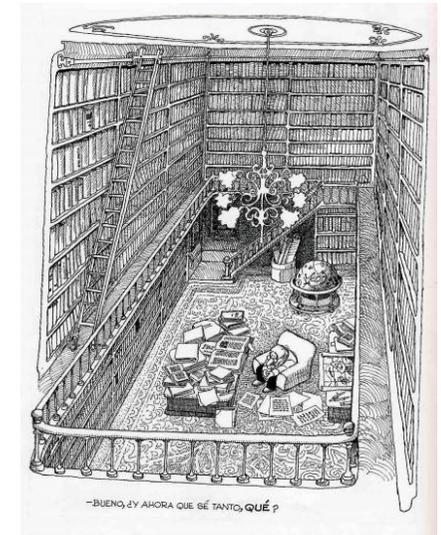


Siguiendo con las contradicciones, a pesar de que la falta de libros que aqueja a muchos es un aspecto aún por mejorar, el caso contrario también resulta siendo un problema. Es decir, no contar con el tiempo para leer los libros con los que se cuenta o no disponer del espacio para almacenar todos los que se quisiera conlleva una dificultad adicional y un futuro en el que parece no haber cabida para todos los libros.

Pensar en todos los libros que podríamos leer y que, por múltiples razones entre las cuales prima el tiempo, no hemos podido abarcar deja una sensación desalentadora y hasta melancólica, como nos lo deja ver Gabriel Zaid en *Los demasiados libros*, ante lo cual no cabe más que decir «yo solo sé que no he leído nada» y donde «no importa el número de libros leídos, sino el estado en que nos dejan». Esto último

parece esperanzador, más aún cuando nos medimos a partir de la cantidad de libros que leemos al año. Al respecto Quino nos ilustra dicha situación con una de sus geniales viñetas.

En este punto llegamos a otro elemento responsable del futuro de la LIJ: las bibliotecas. Al respecto Daniel Innerarity plantea que las bibliotecas no pueden ser simplemente lugares donde se guardan libros y revistas, sino instituciones en las que se gestiona información. Ante la dificultad que suscita no poder almacenar todos los libros que son producidos a diario, el bibliotecario se ve obligado a «no conservar más que los textos que aportan una idea original. Tritura lo inútil y aterroriza a los autores para disuadirles de escribir». Este obstáculo parece ser parcialmente superado gracias al universo digital, capaz de albergar infinidad de libros. Sin embargo, el problema sigue allí, se sigue teniendo demasiada información, el problema realmente no está en la cantidad de información, sino en qué hacemos con la información que tenemos, cómo optimizar las búsquedas que realizamos. Sigue siendo necesario que haya «mecanismos, instituciones y profesionales que nos faciliten esa selección. Esta será la tarea fundamental de las bibliotecas y sus profesionales del futuro».



Sin pretender dar solución al complejo panorama arriba mencionado, comparto aquí, como parte del futuro de la LIJ, una visión propuesta por Gonzalo Moure en un discurso titulado *El nuevo siglo de las nuevas luces*. Moure inicia afirmando que «somos fruto de la evolución, de la combinación biológica de los genes, pero somos también hijos de las criaturas literarias alumbrados por los que han escrito historias y han especulado con cualidades nuevas». Es decir, existe en nosotros la impronta de personajes de muchas historias, tanto de las escritas por Shakespeare y Cervantes como Dahl, Lingren y Collodi. «Cada uno de nosotros tenemos nuestros ancestros literarios, hemos heredado o incorporado sus genes, o al menos sus ideas (...) leer es heredar todos los códigos culturales y éticos de la humanidad». Finalmente, Moure plantea que en siglos pasados el “letrado” era aquel con la capacidad de leer, privilegio que tenían muy pocos. Esto ha cambiado mucho hoy en día ya que la lectura se ha democratizado y a pesar de las dificultades antes mencionadas, saber y poder leer está al alcance de la mayoría, cosa que se creía muy difícil incluso iniciando el siglo pasado.

La propuesta de Moure apunta a que «al igual que en los siglos XIX y XX el lector dejó de ser algo o alguien especial, un privilegiado, en este siglo el escritor deje de serlo también». En este sentido, si tenemos en cuenta que muchos avances científicos que hoy son realidad fueron primero imaginados y recreados en una obra ficcional, estaríamos hoy ante la posibilidad de imaginar y proponer no solo el futuro de la LIJ sino el de sus propios lectores. Si consideramos como válidas las afirmaciones de Moure respecto a la huella que dejan las historias que leemos en nuestra memoria individual y colectiva, deberíamos invitar a nuestros niños y jóvenes a que no dejen que otros sueñen su futuro, mostrarles que lo que escriban hoy será lo que otros leerán mañana. Es necesario proponerles que sean sujetos de creación, capaces de construir, de dar a luz sus propios textos. En cuanto a las bibliotecas, podrían dejar de verse como “cementeros” para convertirse en laboratorios de escritura.

Por último, en cuanto a lo que afirma Dolores Prades respecto a que «a leitura e sua democratização se configuram como algumas das principais condições para que muitos países possam garantir a sua entrada no mercado global em igualdade com os centros desenvolvidos mais avançados», cabría añadir la democratización de la escritura.

¿El Premio Nobel otorgado a Bob Dylan nos permitirá empezar a ver el papel del escritor de otra manera?

Referencias

- Innerarity, Daniel. (2016) *El futuro de las bibliotecas*. Laboratorio Emilia de Formación. Material del curso virtual *Al día con los libros para niños y jóvenes*.
- Moure, Gonzalo. (2016) *El nuevo siglo de las nuevas luces*. En: <http://www.gmoure.es/2016/08/28/el-nuevo-siglo-de-las-nuevas-luces/>
- Prades, Dolores. (2016) Panorama atual do livro para crianças e jovens. Mercado e promoção do livro y da leitura. Laboratorio Emilia de Formación. Material del curso virtual *Al día con los libros para niños y jóvenes*.
- Zaid, Gabriel. (2010) *Los demasiados libros*. Delbolsillo

Jorge Armando Segura Navarro

Desafíos del futuro en experiencias actuales

Las sociedades democráticas nos jugamos nuestro futuro en el modo como seamos capaces de promover el saber, organizarlo y ponerlo a disposición de las personas y de las decisiones colectivas.

Daniel Innerarity

La biblioteca, en palabras de Daniel Innerarity, es una institución viva y por eso puede alterar su función y cambiar según las exigencias sociales que se presenten. Esta idea queda latente en mí, porque no solo describe el día a día de un espacio de lectura, sino también la posiciona de manera activa señalando su camino a seguir en el futuro.

Como fundadora de una escuela, mi interés por acercar los libros a los niños y fomentar su gusto por la lectura me llevó a gestar un espacio que dispusiera de libros para los niños y que este fuera el centro de toda la escuela, la cual concibo sobre todo como un foco cultural, una idea básica pero también retadora. No pensé en una biblioteca propiamente dicha debido a sus exigencias, sino más bien en una sala de lectura; espacios hermanos en su objetivo: facilitar el acceso a libros.

El nombre del lugar, “Sala de lectura Vallecito”, quería rememorar a un insigne poeta infantil para lucir su relación con la literatura en su máxima expresión. Poco a poco los retos fueron surgiendo, tal como los ha explicado bien Innerarity.

Un espacio de este tipo requería libros que en su momento no fueron sencillos de adquirir, teníamos una oferta limitada en las librerías y por ello nuestra primera función fue tanto la búsqueda como la selección. Es difícil separar ambas tareas, ya que toda adquisición supone una mirada crítica. En este sentido, el primer reto que tuvimos, y que todavía es constante, es que por muy pequeño que sea el universo de lectura al cual uno se acerca es preciso desarrollar un sentido crítico para ofrecer a los visitantes o lectores una experiencia fructífera, más cuando son menores de edad. A futuro hemos visto que la necesidad de personal con conocimientos de teoría, experiencia lectora y actualización se hace más necesaria, toda vez que la oferta editorial crece y lo comercial a veces oculta obras más modestas en cuanto a promoción y publicidad, pero de mejor calidad artística.

Hoy contamos con una destacada colección de libros para niños de la primera infancia y hasta los diez años que es fruto de nuestro esfuerzo para desarrollar una ecología de tiempo para nuestros docentes y lectores. Sin embargo, el reto a futuro es mayor en cuanto a que los lectores crecen y la oferta editorial también.

Otro aspecto resaltado por Innerarity es esa contradicción de la biblioteca como espacio de vida y muerte; esto de por sí es un reto que surge a la par que se conquistan lectores. En nuestro caso, la Sala de Lectura Vallecito nunca se planteó como un "cementerio" que aloje libros, nuestro público infantil siempre fue exigente con darle vida a la lectura, los libros inundan los espacios de la escuela para ser tocados, releídos y envejecer en las manos de sus pequeños lectores. La oralidad ha sido nuestro primer instrumento para hacerlo. Evelio Cabrejo menciona que los bebés se hacen seres del lenguaje a través de la voz de su madre, la que los envuelve con palabras llenas de musicalidad; por ello en nuestras salas de lectura la oralidad es indispensable; creemos que escuchar es una de las primeras formas de leer, la poesía, la canción, la narración oral toman relevancia en nuestra sala de lectura.

Yolanda Reyes nos dice que es el cuerpo de la madre el primer libro abierto que los niños leen: gestos, tonos corporales, fascias que se presentan como lecturas a interpretarse. Por ello consideramos, por ejemplo, las manifestaciones teatrales como libros sin páginas que acercamos a nuestros usuarios.

Las actividades de narración, de teatro y canción se convierten en la manera de llevar el texto a los prelectores (niños) y conquistarlos. En mi opinión, este reto es vital para el futuro, la cultura escrita cada vez más requiere del apoyo de la oralidad, de esa *vida afuera de la biblioteca* (biblioteca donde se exige el silencio); vida que busca también congregarse, compartir. Este reto debe vencer la concepción no solo de los responsables de estos espacios que consideran que la biblioteca es casi un almacén o museo para exponer, sino también de lectores que muchas veces se refugian en los libros para aislarse. Aquí vuelvo al punto de partida: considerar a la biblioteca (y espacios similares) como instituciones vivas no solo a nivel de trabajo operativo, sino también crear experiencias lectoras que estimulen lectores sociales, que nos permitan leer el mundo; un ejemplo de ello es la Biblioteca Vasconcelos en México.

Por último, un reto que ya no se puede concebir en el futuro sino que resulta cada vez más urgente es enfrentarnos ya ahora a la presencia de la tecnología y la virtualidad. Innerarity señala que «en el mundo de las posibilidades infinitas sigue habiendo limitaciones de distinto tipo y por eso se necesitan lugares en los que la literatura más usada, con todo lo controvertido que esto pueda resultar, sea fácilmente disponible en forma de libro»; esta verdad es preciso mantenerla en épocas donde la digitalización parece ser la bandera de lo innovador. En nuestro caso, la Sala de Lectura Vallecito ha buscado crear experiencias que relacionen al niño con el libro de formas lúdicas, cotidianas, sencillas, nada forzadas, acercar a los niños a experiencias estéticas es indispensable en este proceso de formación del lector, y para lograrlo ha sido esencial vincular al arte en todas sus manifestaciones. La presencia de libros físicos es indispensable, de diversos formatos

y variadas temáticas; hemos elaborado versiones de gran tamaño para que el impacto sea mayor, también hemos realizado exposiciones de libros, de carteles, ya que creemos en la alfabetización visual como prelectura. Considero que lo virtual puede convivir con lo físico, si bien ambas poseen sus ventajas y desventajas: la humanidad de un niño, su espíritu y forma de ver el mundo requiere tocar, palpar, ver al libro como objeto antes que como representación virtual. Tenemos "libros apps", libros que añaden lo virtual a su materialidad, pero lo primero queda como accesorio, como algo extra.

En este sentido considero que lo virtual puede ser útil para vencer «la pérdida y corrupción a la que el texto físico se enfrenta», tal como señala Innerarity, ya que permite la búsqueda y el acceso más rápido. Pero lo que no puede lograr es crear una experiencia estética real. El reto aquí, a mi parecer, al menos por el desarrollo tecnológico actual, es no pensar que por virtualizar una biblioteca ya se hace más "accesible". Lo principal es que la biblioteca sea generadora de lectores que accedan a la cultura en general, una biblioteca debe proponer diversas lecturas, leer el mundo, lectura real y cotidiana. En ese sentido los mediadores y promotores que dominen estos conceptos amplios de leer y se apoyen en realidades físicas y virtuales para crear herramientas y actividades vitales para los futuros lectores harán posible «una transformación de las bibliotecas que garantizará su presencia».

Selene Tinco Flores

Aporte final



<https://vimeo.com/185274507>

Meredith Rivera



LABORATORIOEMILIA.COM



2016